

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM**

GREICI CAPELLARI FABRIZIO

**GESTÃO DE GRUPOS DE PESQUISA DE UM PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM *STRICTO SENSU* DE
UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para o título de Mestre em Enfermagem.

Área de Concentração: Educação e Trabalho em Saúde e Enfermagem.

Linha de Pesquisa: Tecnologias e Gestão em Educação, Saúde e Enfermagem.

Orientadora: Dra. Alacoque Lorenzini Erdmann.

Coorientador: Dr. José Luís Guedes dos Santos

**FLORIANÓPOLIS
2019**

Fabrizio, Greici Capellari
GESTÃO DE GRUPOS DE PESQUISA DE UM PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM STRICTO SENSU DE UMA
UNIVERSIDADE PÚBLICA / Greici Capellari Fabrizio ;
orientador, Alacoque Lorenzini Erdmannn,
coorientador, José Luis Guedes dos Santos, 2019.
131 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Ciências da Saúde,
Programa de Pós-Graduação em Enfermagem,
Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Enfermagem. 2. Universidades. 3. Grupos de
pesquisa. 4. Educação em Enfermagem. 5. Competências
gerenciais. I. Erdmannn, Alacoque Lorenzini . II.
dos Santos, José Luis Guedes . III. Universidade
Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação
em Enfermagem. IV. Título.

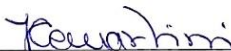
GREICI CAPELLARI FABRIZIO

**GESTÃO DE GRUPOS DE PESQUISA DE UM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ENFERMAGEM *STRICTO SENSU* DE UMA
UNIVERSIDADE PÚBLICA**

Esta Dissertação foi submetida ao processo de avaliação pela
Banca Examinadora para obtenção do Título de:

MESTRE EM ENFERMAGEM

E aprovada em sua forma final em 12 de dezembro de 2018,
atendendo as normas da legislação vigente da Universidade
Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em
Enfermagem (PEN/UFSC), Área de Concentração: Educação
e Trabalho em Saúde e Enfermagem.

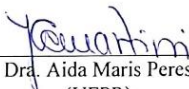


Dra. Jussara Gue Martini
Coordenadora do Programa PEN/UFSC

Banca Examinadora:



Dr. Alacoque Lorenzini Erdmann (UFSC)
Presidente



Dra. Aida Maris Peres
(UFPR)
Membro



Dra. Ana Lúcia Schaefer
Ferreira de Mello (UFSC)
Membro

Às pessoas mais importantes da minha vida: minha família.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus pela Sua presença constante em minha vida. Por ter caminhado ao meu lado quando as pessoas mais próximas não conseguiram estar, ou por ter colocado seres humanos dotados de sensibilidade para estender a mão. Em especial aos amigos do Movimento EMAUS, uma comunidade que exala o amor de Cristo para com o próximo.

À minha mãe Deise Capellari Fabrizzio, por ser equilíbrio e apoio em todos os momentos. Você é a mulher mais incrível da existência, é minha referência para a vida. Quanto mais eu conheço mais eu admiro a sua história.

À meu pai Olmir Luiz Fabrizzio por ser fortaleza, sensatez, e entendimento. Reconheço o seu reflexo na minha personalidade e nas minhas atitudes. À meu irmão Gustavo Fabrizzio. Agradeço a vocês pela nossa família, pela base sólida que construímos em cima de conceitos de proteção, amparo e amor, presentes em todas as etapas das nossas vidas, bem como durante o mestrado.

Às amigas Paula Bresolin, Luana Silveira e Maria Helena pelas profundas reflexões e amizade, vocês tornaram a caminhada leve e com propósito.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo fomento da minha trajetória acadêmica que permitiu a minha dedicação exclusiva as atividades do mestrado.

Ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina e a todos os seus docentes. Vocês são pesquisadores fortes, lideranças para a enfermagem, vocês fazem a diferença na enfermagem nacional e internacional. Também agradeço aos professores da graduação que desde cedo me aproximaram da pesquisa e foram minha inspiração para trilhar esse caminho.

À minha orientadora professora Dra. Alacoque Lorenzini Erdmann e ao coorientador Dr. José Luís Guedes dos Santos, que foram meus mentores na área acadêmica e conselheiros profissionais e auxiliaram na formação da pesquisadora que sou hoje. Vocês se constituíram

pesquisadores visionários, geniais, são exemplo de profissionais. Que os seus ensinamentos perdurem também no doutorado.

À professora Dra. Betina Meirelles, supervisora do estágio de docência, pela transmissão do conhecimento quanto à prática docente. Os seus ensinamentos foram essenciais para me lapidar enquanto docente em formação.

Aos colegas da turma de mestrado que compartilharam dos mesmos sentimentos e estiveram presentes durante esses dois anos.

Aos colegas do Laboratório de Pesquisa, Tecnologia e Inovação em Políticas e Gestão do Cuidado e da Educação em Enfermagem e Saúde (GEPADES) agradeço a cumplicidade, o convívio com todos vocês foi fundamental, principalmente na etapa mais solitária da pesquisa.

À Thaísa Viera, pelo auxílio na parte operacional da pesquisa, pela sua dedicação ao trabalho tenho certeza que tem um futuro brilhante a sua espera. Conte comigo!

À Susana Carraro, estatística da pesquisa, pela disponibilidade em me auxiliar e me aproximar do fantástico mundo da pesquisa quantitativa, que eu possa deslanchar ainda mais nessa metodologia.

Aos membros da banca examinadora Dra. Ana Lúcia Schaefer Ferreira de Mello, Dra. Aínda Maris Peres e Dda. Kamylla Santos Cunha, pelas significativas contribuições para o aprimoramento do trabalho. Esse foi o início de muitos desdobramentos que estão por vir.

Aos 240 membros dos grupos de pesquisa de enfermagem, participantes dessa pesquisa que disponibilizaram do seu tempo e viabilizaram a realização desse estudo para contribuir com a ciência.

Aos que não foram mencionados mas que de alguma forma tiveram participação durante a trajetória e finalização dessa importante etapa, o meu muito obrigada!

Não me curvaria diante de nenhuma autoridade política nem de nenhuma celebridade, mas me curvaria diante de todos os professores e alunos do mundo. São eles que podem mudar o teatro social. São atores insubstituíveis.

Augusto Cury

RESUMO

Este estudo teve como objetivos (1) elaborar um modelo teórico de gestão de grupos de pesquisa de um programa de pós-graduação em enfermagem e (2) identificar as competências gerenciais de participantes de grupos de pesquisa um programa de pós-graduação em enfermagem. Trata-se de uma pesquisa exploratória-descritiva, com abordagem qualitativa e quantitativa. O cenário de estudo foi o programa de pós-graduação em enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina ao qual estão vinculado quatorze grupos de pesquisa de enfermagem. A etapa qualitativa foi ancorada na perspectiva teórica e metodológica da *Grounded Theory*. A amostragem teórica foi composta por 21 participantes dispostos em três grupos amostrais, sendo: 10 líderes de grupos de pesquisa, 09 discentes e 02 ex-líderes. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas abertas de abril a outubro de 2018 e a análise de dados foi realizada com auxílio do *software* NVIVO® 10 e seguiu as etapas de codificação aberta, codificação axial e integração. A etapa quantitativa pautou-se um estudo correlacional. A amostra foi composta por 219 membros dos grupos de pesquisa. A coleta de dados foi realizada de junho a setembro de 2018, por meio de um questionário contendo variáveis sociodemográficas e a Escala de Competências Gerenciais. Os dados foram tabulados no Microsoft® Office Excel e, posteriormente, exportados para o IBM SPSS® Statistics 20, para análise estatística descritiva e inferencial. A pesquisa foi desenvolvida atendendo os preceitos éticos para pesquisa com seres humanos no Brasil. A partir dos dados qualitativos emergiu o fenômeno “Gerenciando coletivamente o grupo de pesquisa para a produção do conhecimento científico e formação de recursos humanos em enfermagem e saúde”, sustentado por oito categorias: “Articulando-se com instâncias da gestão acadêmica”, “Dispondo de estrutura e recursos para a produção do conhecimento”, “Elaborando macroprojeto”, “Desenvolvendo estratégias de gestão do conhecimento”, “Estabelecendo convênios e parcerias nacionais e internacionais”, “Gerindo o grupo de pesquisa com o coletivo”, “Contribuindo para o desenvolvimento teórico, científico e tecnológico da profissão” e “Dando retorno à sociedade por meio de ações de extensão”. A etapa quantitativa evidenciou que os membros apresentaram maior suficiência para as competências referentes à gestão de pessoas e de resultados de pesquisa com maior ocorrência e maior chance de apresentar suficiência os participantes com elevada titulação acadêmica. As chances de apresentar competências gerenciais suficientes

aumentaram com a idade, a experiência na pesquisa e participação no grupo de pesquisa. As atividades de pesquisa estão vinculadas à grupos de pesquisa, que necessitam de recursos humanos, materiais e financeiros para desenvolver seus estudos. Essas condições pedem estratégias de gestão e interações nacionais e internacionais nos grupos de pesquisa que resultam em desenvolvimento teórico, científico e tecnológico da profissão e retorno social. Os grupos de pesquisa desempenham um papel de destaque para o desenvolvimento de competências gerenciais bem como para a formação de pesquisadores capacitados para a docência e pesquisa em enfermagem e saúde.

Descritores: Universidades. Grupos de pesquisa. Educação em Enfermagem. Competências gerenciais.

ABSTRACT

This study aimed to (1) elaborate a theoretical model of research group management of a postgraduate nursing program and (2) identify the managerial competencies of participants from research groups a graduate nursing program. This is an exploratory-descriptive research, with a qualitative and quantitative approach. The study scenario was the postgraduate program in nursing at the Federal University of Santa Catarina, to which fourteen nursing research groups are linked. The qualitative step was anchored in the theoretical and methodological perspective of Grounded Theory. The theoretical sample was composed of 21 participants arranged in three sample groups, being: 10 leaders of research groups, 09 students and 02 former leaders. Data collection was performed through open interviews from April to October 2018 and data analysis was performed using NVIVO® 10 software and followed the steps of open coding, axial coding and integration. The quantitative step was a correlational study. The sample consisted of 219 members of the research groups. Data collection was performed from June to September 2018, through a questionnaire containing sociodemographic variables and the Managerial Skills Scale. Data was tabulated in Microsoft® Office Excel and later exported to IBM SPSS® Statistics 20 for descriptive and inferential statistical analysis. The research was developed according to the ethical precepts for research with human beings in Brazil. From the qualitative data emerged the phenomenon "Collectively managing the research group for the production of scientific knowledge and training of human resources in nursing and health", supported by eight categories: "Articulating with instances of academic management", " of structure and resources for the production of knowledge ", " Elaborating macroprojects ", " Developing knowledge management strategies ", " Establishing national and international agreements and partnerships ", " Managing the research group with the collective ", " Contributing to the theoretical, scientific and technological development of the profession "and" Giving back to society by means of extension actions ". The quantitative stage showed that the members presented greater sufficiency for the competences related to the management of people and the results of research with greater occurrence and a greater chance of presenting sufficiency the participants with high academic qualification. The chances of presenting sufficient managerial skills increased with age, experience in research and participation in the research group. Research activities are linked to research groups, which need the human, material

and financial resources to develop their studies. These conditions call for national and international management strategies and interactions in research groups that result in the theoretical, scientific and technological development of the profession and social return. Research groups play a prominent role in the development of managerial skills as well as in the training of researchers trained in teaching and research in nursing and health.

Keywords: Universities. Research groups. Education, Nursing. Management skills.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Estruturação de um grupo de pesquisa.....	32
Figura 2 -	Codificação aberta no <i>software</i> NVIVO® 10.....	43
Figura 3 -	Codificação axial no <i>software</i> NVIVO® 10.....	44
Figura 4 -	Codificação por integração no <i>software</i> NVIVO® 10.....	45
Figura 5 -	Diagrama representativo do modelo teórico elaborado a partir dos dados do primeiro e segundo grupo amostral.....	47
Figura 6 -	Diagrama representativo do modelo teórico elaborado a partir dos componentes: condição, ação-interação e consequência.....	48

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Grupos de pesquisa. Florianópolis, 2018.....	38
Quadro 2 -	Distribuição dos participantes de acordo com o grupo amostral. Florianópolis, 2018.....	40
Quadro 3 -	Memorando elaborado a partir da entrevista 05 do primeiro grupo amostral. Florianópolis, 2018.....	46
Quadro 4 -	Resultados da pesquisa de acordo com os objetivos. Florianópolis, 2018.....	53
Quadro 5 -	Categorias e subcategorias do fenômeno. Florianópolis, 2018.....	58

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Perfil sociodemográfico dos participantes do estudo. Florianópolis,2018.....	84
Tabela 2 -	Participantes insuficientes/suficientes para o fator 1, fator 2 e para as competências (n=219). Florianópolis, 2018.....	85
Tabela 3 -	Associação entre as variáveis sociodemográficas e as competências gerenciais em grupos de pesquisa. Florianópolis, 2018.....	86
Tabela 4 -	Análise bruta em relação aos fatores associados às competências gerenciais. Florianópolis, 2018.....	88

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

C&C	Laboratório de Pesquisa, Tecnologia e Inovação Cuidando e Confortando
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEPSH	Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
EDEN	Laboratório de Pesquisa e Tecnologia em Educação em Enfermagem e Saúde
GEASS	Laboratório de Pesquisas no Cuidado de Pessoas em Situações Agudas de Saúde
GEHCES	Laboratório de Pesquisas e Tecnologia em História do Conhecimento da Enfermagem e Saúde
GEPADES	Laboratório de Pesquisa, Tecnologia e Inovação em Políticas e Gestão do Cuidado e da Educação em Enfermagem e Saúde
GEPESCA	Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão na Saúde da Criança e do Adolescente
GESPI	Laboratório de Pesquisas e Tecnologias em Enfermagem, Cuidado em Saúde a Pessoas Idosas
GP	Grupo de Pesquisa
GRUPESMUR	Laboratório de Pesquisa em Enfermagem na Saúde da Mulher e do Recém-Nascido
IES	Instituições de Ensino Superior
LAPEPS	Laboratório de Pesquisa em Enfermagem e Promoção da Saúde
LAPETEC/GIATE	Laboratório de Produção Tecnológica em Saúde e Grupo de Pesquisa Clínica em Tecnologias e Informática em Saúde e Enfermagem
MCTI	Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação
NUCRON	Laboratório de Pesquisas e Tecnologias em Enfermagem e Saúde à Pessoas em Condição Crônica

**NUPEQUIS-FAM-
SC**

Laboratório de Pesquisa, Tecnologia e
Inovação em Enfermagem, Quotidiano,

**PEN
PRÁXIS**

Imaginário, Saúde e Família de Santa Catarina
Programa de Pós Graduação em Enfermagem

TCLE

Laboratório de Pesquisa sobre Trabalho,
Ética, Saúde e Enfermagem

TFD

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFSC

Teoria Fundamentada nos Dados

Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	25
2 OBJETIVOS	29
3 SUSTENTAÇÃO TEÓRICA	31
3.1 Universidade e Grupos de pesquisa.....	31
3.2 Grupos de pesquisa em enfermagem e produção científica	33
4 MÉTODO.....	37
4.1 DESENHO DO ESTUDO.....	37
4.2 CONTEXTO DO ESTUDO	37
4.3 ETAPA 1 – QUALITATIVA.....	39
4.3.1 Participantes do estudo.....	40
4.3.2 Coleta e análise dos dados.....	41
4.3.3 Memorandos e diagramas.....	45
4.3.4 Validação do modelo teórico.....	49
4.4 ETAPA 2 – QUANTITATIVA.....	49
4.4.1 População e amostra.....	49
4.4.2 Coleta de dados	50
4.4.3 Análise estatística.....	50
4.5 ASPECTOS ÉTICOS	51
5 RESULTADOS.....	53
5.1 MANUSCRITO 1: GESTÃO DE GRUPOS DE PESQUISA EM ENFERMAGEM.....	53

5.2 MANUSCRITO 2: COMPETÊNCIAS GERÊNCIAIS DE PARTICIPANTES DE GRUPOS DE PESQUISA DE ENFERMAGEM.....	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
REFERÊNCIAS.....	98
APÊNDICE A – CARACTERIZAÇÃO DOS GRUPOS DE PESQUISA	109
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	114
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ETAPA QUALITATIVA	115
APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA A ESCALA DE COMPETÊNCIAS GERENCIAIS	118
ANEXO A – ESCALA DE COMPETÊNCIAS GERENCIAIS EM GRUPOS DE PESQUISA	123
ANEXO B – DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA DA INSTITUIÇÃO	127
ANEXO C – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....	128

1 INTRODUÇÃO

A produção do conhecimento científico e o desenvolvimento de pesquisas ocorrem essencialmente vinculados a Grupos de Pesquisa (GPs) em Instituições de Ensino Superior (IES) no Brasil. As demandas emergentes dos problemas de pesquisa, como complexidade e interdisciplinaridade, exigem uma junção de conhecimentos por parte dos pesquisadores interessados em determinada temática de estudo na busca de soluções (VERBREE et al., 2015).

Para compor as equipes de pesquisa para cada projeto de estudo, os GPs organizam-se de modo a envolver os pesquisadores de acordo com sua competência no campo científico ou tecnológico e o seu envolvimento frente às atividades de pesquisa. Assim, são constituídos por pesquisadores experientes, como, por exemplo, líderes, docentes e pesquisadores em formação desde a iniciação científica, graduandos, mestrandos, especializando, doutorandos, pós-doutorandos e técnicos (BRASIL, 2017).

O Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, criado em 1992, é o órgão do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) que tem a finalidade de registrar os grupos de pesquisa e agrupar informações referentes ao número e formação dos recursos humanos, linhas de pesquisa, áreas de concentração, setores envolvidos, produção científica, tecnológica e artística, bem como as parcerias entre grupos e instituições, incluindo as empresas do setor produtivo (BRASIL, 2017). Além disso, auxilia no acompanhamento desses dados referentes à série histórica traçada pelos grupos de pesquisa de todas as áreas de estudo.

A partir de 2002, houve um crescimento exponencial dos grupos das mais variadas áreas de conhecimento, com destaque para as Ciências da Saúde. Na primeira súmula estatística, em 2000, a área das Ciências da Saúde contava com 1.832 grupos e ocupava a liderança do *ranking* em relação às demais áreas. Em 2016, os grupos na área Ciências da Saúde representavam um total de 5.877, atrás apenas das Ciências Humanas com 8.091 grupos (BRASIL, 2018).

Os grupos de pesquisa na área de Enfermagem foram criados nos anos 1970 e acompanharam o crescimento da grande área de Ciências da Saúde. Esse crescimento é decorrente do aumento dos programas e cursos de pós-graduação em enfermagem *stricto sensu* credenciados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), com um total de 74 programas de pós-graduação *stricto sensu*

na Área de Enfermagem, contabilizando 109 cursos, sendo 37 doutorados, 51 mestrados acadêmicos e 21 mestrados profissionais em enfermagem (BRASIL, 2016). Assim, reforça-se a importância dos grupos de pesquisa na produção de novas tecnologias e conhecimentos científico, os quais devem dispor de infraestrutura e equipamentos adequados, de acordo com objetos de estudos para o desenvolvimento de projetos de pesquisa (ERDMANN et al., 2013).

As métricas para grupos de excelência diferem entre os países. No Reino Unido, por exemplo, os grupos de pesquisa considerados de excelência na área da saúde atingem três medidas de produtividade: o número de publicações, o fator de impacto dos periódicos nos quais os artigos são publicados e o número de citações (COOK; GRANGE; EYRE-WALKER, 2015). Para que os grupos de pesquisa alcancem os resultados a que se propõem, alguns fatores como gestão e liderança influenciam no seu desempenho acadêmico. A liderança está atrelada à construção de uma agenda de pesquisa desafiadora e ao incentivo e inspiração dos pesquisadores para o cumprimento da programação. Enquanto que a gestão preocupa-se com a organização do processo de trabalho para garantir a execução dos projetos e melhorar os processos de funcionamento do grupo (VERBREE et al., 2015).

Tendo a intenção de atender às ações requeridas de um investigador, cada pesquisador lança mão de estratégias consideradas adequadas para aquela etapa. Nessa conjuntura, a atuação de docentes pesquisadores e pesquisadores em formação em grupos de pesquisa pauta-se no uso de múltiplas competências, a depender do trabalho desenvolvido naquele momento. As competências gerenciais são comportamentos que podem ser observados ou desenvolvidos e expressos por meio de conhecimentos, habilidades e atitudes. Para além disso, é a sinergia entre esses fatores ao gerar melhores resultados que influencia não só para o indivíduo, mas estende-se a equipes e organizações, de acordo com os recursos disponíveis e a estratégia utilizada (FREITAS, ODELIUS, 2017).

Para além de competência técnica, podem ser desenvolvidas e estimuladas múltiplas dimensões de habilidades, como o aspecto comportamental; o trabalho em equipe; a experiência em laboratórios; a criatividade; reconhecer o outro, com o intuito de capacitar discentes para os múltiplos papéis a serem desenvolvidos por eles na sociedade (COLOMBO, 2013). Essas competências estão voltadas para o atendimento das demandas inerentes ao trabalho de um investigador, são elas: planejar o processo de pesquisa desde a sua concepção até a disseminação dos resultados; debater temas referente à pesquisa com

membros do grupo; desenvolver ações voltadas para o grupo de pesquisa; gestão de recursos humanos; gestão dos processos; captar financiamento; estabelecer parcerias, entre outras (FREITAS, ODELIUS, 2017).

Estudos anteriores sobre GP em enfermagem no Brasil focalizaram: o perfil dos grupos de pesquisa em enfermagem (ERDMANN; PEITER; LANZONI, 2017); políticas, gerência e inovação de grupos de pesquisa para a excelência em enfermagem (ERDMANN et al., 2013); a funcionalidade dos grupos de pesquisa de gestão em enfermagem (ERDMANN et al., 2010); as interações em grupos de pesquisa de gestão em enfermagem (MELLO et al., 2009); os grupos de pesquisa em educação em enfermagem (SCHVEITZER et al., 2012); as características dos grupos de pesquisa em feridas (OLIVEIRA et al., 2013); e a experiência de bolsista de iniciação científica em grupos de pesquisa (ERDMANN et al., 2010).

Não foram identificados na literatura estudos acerca de modelos gestão de grupos de pesquisa e competências gerenciais dos seus integrantes, as quais influenciam na geração da inovação em pesquisa e produção do conhecimento científico. Diante do exposto, delinear-se como questões norteadoras deste estudo: Como ocorre a gestão de grupos de pesquisa de um programa de pós-graduação em enfermagem *stricto sensu* de uma universidade pública? Quais as competências gerenciais dos seus integrantes?

O interesse por esse campo de estudo está atrelado à trajetória acadêmica da pesquisadora, iniciada ao se vincular a GP na graduação para desenvolver projetos de pesquisa e de extensão. Ao dar sequência à formação na especialização na modalidade residência multiprofissional em saúde da família, sem se distanciar do cunho científico da profissão ao desenvolver pesquisa clínica como trabalho de conclusão da residência. Em especial, as investigações como mestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina, vinculada ao Laboratório de Pesquisa, Tecnologia e Inovação em Políticas e Gestão do Cuidado e da Educação em Enfermagem e Saúde (GEPADES), mais especificamente na linha de Educação e Trabalho em Enfermagem e Saúde.

2 OBJETIVOS

Este estudo teve como objetivos:

- Elaborar um modelo teórico de gestão de grupos de pesquisa vinculados a um programa de pós-graduação em enfermagem *stricto sensu* de uma universidade pública.
- Identificar as competências gerenciais de participantes de grupos de pesquisa de enfermagem vinculados a um programa de pós-graduação *stricto sensu* de uma universidade pública.

3 SUSTENTAÇÃO TEÓRICA

A sustentação teórica deste estudo foi realizada a partir de uma revisão narrativa da literatura sobre a problemática em voga e está apresentada a seguir em dois tópicos: (3.1) Universidade e Grupos de pesquisa e (3.2) Grupos de pesquisa em Enfermagem e produção científica.

3.1 Universidade e Grupos de pesquisa

A sociedade está passando por constantes momentos de transformação no que tange às mudanças relacionadas à forma de trabalho, aos modos de vida, à organização da sociedade e às relações entre esses. O conhecimento não é excluído desse cenário, ao se vivenciar alterações na maneira de produção, distribuição, socialização e consumo, em um cenário de grande volatilidade.

Desde a Constituição Federal do Brasil datada de 1988, é uma prerrogativa a autonomia didático-científica, administrativa, de gestão financeira e patrimonial das Universidades e a sua atuação no ensino, pesquisa e extensão (BRASIL, 1988). Essas três linhas de atuação formam o tripé de sustentação das universidades brasileiras.

A universidade firma seu compromisso com a educação, com a finalidade de formar em diferentes graus e dimensões, atuando como protagonista nos planos da individualidade, socialidade e cidadania. Ao mesmo tempo em que atua na formação, preza pela qualidade acadêmica, científica, moral, política e social, na medida em que forma pessoas em cunho cultural, moral, político, de cidadania e para contribuir na solução de problemas coletivos. Ao assumir a sua autonomia cumpre com a responsabilidade científica e social, promovendo espaços de convivência plural da sociedade, atendendo a demandas dos diversos setores da população (DIAS SOBRINHO, 2015).

Entretanto, essas rápidas transformações vêm alterando o papel da educação e do conhecimento, os quais proporcionam importantes avanços científicos e tecnológicos, alavancando o desenvolvimento do país para além da atuação na formação. O papel exercido pelas universidades dentro da sociedade do conhecimento representa um papel privilegiado por ser responsável pela geração, disseminação e utilização do conhecimento. Nesse sentido, a análise dos aspectos relacionados à gestão dos grupos de pesquisa é fundamental para solidificar e preservar os

conhecimentos existentes, bem como para a geração de novos conhecimentos pelas Instituições de Ensino Superior. Nesse âmbito, os grupos de pesquisa estão inseridos nas IES, tornando-se cada vez mais importantes por direcionarem as pesquisas institucionais, mas também por atraírem o reconhecimento de órgãos externos (JÚNIOR et al., 2017).

Os grupos, laboratórios, núcleos, institutos, centros de pesquisa, grupos de pesquisa e desenvolvimento, como são chamados, estão instalados dentro das universidades e vinculados a programas de pós-graduação (ERDMANN et al., 2013; FREITAS et al., 2017). Para fins de padronização, neste trabalho será utilizado o termo “grupos de pesquisa” (GPs) para representar todas essas denominações.

O termo “grupo de pesquisa” é definido pelo CNPq (2017) como o agrupamento de pesquisadores de acordo com sua competência no campo científico ou tecnológico e o seu envolvimento frente às atividades de pesquisa. Os GPs contam ainda com o apoio de uma ou duas lideranças. Esses grupos são organizados em torno de linhas de pesquisa, áreas de concentração e seus componentes compartilham recursos em distintos graus, incluindo equipamentos, instalações.

Para Júnior et al. (2017), a estrutura de um grupo de pesquisa pode ser representada na figura que se segue, na qual é possível observar a interação entre membros, linhas de pesquisa, projetos de pesquisa e o grupo em si.



Fonte: (FREITAS et al., 2017).

Os grupos, ao longo do tempo, geram e acumulam uma grande quantidade de conhecimento proveniente de projetos de pesquisa, publicação de trabalhos científicos e tecnológicos, redes de pessoas, entre outras fontes. Assim, realizam duas atividades essenciais que garantem a eficácia do grupo: desempenho das tarefas e manutenção dos recursos humanos. O desempenho está associado às metas, aos recursos, aos prazos e à qualidade técnica, a manutenção dos recursos humanos engloba

a satisfação dos membros do grupo com suas tarefas, os resultados e o relacionamento interpessoal (FREITAS et al., 2017).

Para que as atividades estabelecidas pelos grupos de pesquisa transcorram de forma harmoniosa, é esperado dos seus membros compromisso com a sua atuação e competências mínimas para tal. Para além da habilidade nata, as competências podem ser adquiridas ao longo da formação profissional, todavia, exigem no decorrer do tempo uma renovação, viabilizada pela educação permanente e centrada em demandas reais (SADE; PERES, 2015).

3.2 Grupos de pesquisa em Enfermagem e produção científica

Os avanços em pesquisa científica são efetivados majoritariamente nos espaços onde se encontram cursos de mestrado acadêmico, mestrado profissional e doutorado, com suas atividades centradas em grupos de pesquisa (SCOCHI et al., 2013). Os grupos de pesquisa na área da enfermagem apresentaram um aumento de 146% nos últimos dez anos, passando de 251 em 2006 para 617 em 2016, entretanto, dos 251 encontrados em 2006, 43 (17%) não foram localizados em 2016, o que representa o encerramento de uma parcela importante de grupos ao longo dos anos (ERDMANN; PEITER; LANZONI, 2017).

Para além da hipótese de encerramento dos grupos de pesquisa, outros fatores podem contribuir para a invisibilidade desses grupos. Ao longo dos anos, os grupos vão se modificando e alteram a sua conformação, ou seja, ocorre uma reestruturação daquele conjunto, seja por alinhamento da linha de pesquisa, entrada e/ou saída de pesquisadores e/ou inserção de novos desenhos metodológicos.

Além disso, recursos financeiros influenciam diretamente no desempenho de GPs. Na área da educação em enfermagem os grupos de pesquisa com maior índice de produção científica foram os que captavam a maior quantidade de recursos. Desta forma, se torna substancial os investimentos em ciência e tecnologia, qualificação dos recursos humanos, provimento de bolsas de estudos para o fomento da pesquisa científica na área da enfermagem pelos grupos de pesquisa (CANEVER et al., 2014).

Os investimentos realizados de forma equânime em ciência e tecnologia podem contribuir para a produção de conhecimento, oportunidades de formação, financiamentos, intercâmbios, participação em eventos da área, fortalecimento dos grupos de pesquisa, com a

participação de docentes, discentes e enfermeiros assistenciais (CANEVER et al., 2014).

Ao coordenador do grupo (professor orientador/líder) é comumente atrelada a centralização do conhecimento, ele é tido como elemento principal para a difusão do conhecimento. Nesses espaços, a socialização do conhecimento acontece predominantemente no formato tácito-tácito, por meio da conversão, fato que valoriza a relação entre os integrantes do grupo, em atividades informais, a contribuir de maneira significativa para a gestão do grupo de pesquisa (LIMA; AMARAL, 2008).

De acordo com Silva et al. (2013), os grupos de pesquisa em enfermagem são formados majoritariamente por mulheres, com alta ascensão da sua qualificação, que se dedicam ao ensino em sala de aula ou aulas teórico-práticas.

Na literatura, os artigos que versam sobre a temática grupos de pesquisa em enfermagem e saúde são voltados principalmente para o perfil e as características dos mesmos, em relação a números, linhas de pesquisa, entre outros (ERDMANN; PEITER; LANZONI, 2017; CANEVER et al., 2014).

Por outro lado, outros estudos já indicam a gerência dos grupos de pesquisa como uma estratégia para se alcançar a excelência em enfermagem. De acordo com Erdmann et al. (2013) um GP de excelência tem sua base alicerçada em um processo gerencial competente, contando com uma política organizativa de missão e visão bem definidas. A política define a estrutura logística, de sistemas de informação, normas de funcionamento, recrutamento de novos integrantes, controle das atividades dos membros efetivos e dos egressos. O planejamento estratégico pode ser uma das estratégias utilizadas para alcance de metas, respeitando os níveis de formação de cada participante, para assim potencializar a liderança em pesquisa. Esse processo gerencial avançado conta com a liderança, coordenação e empreendedorismo em pesquisa dos membros do grupo.

A produção de conhecimento e pesquisa em um GP exige planejamento, programação e controle, para que só assim se possa atingir os resultados esperados. Um sistema de controle que verifique o desempenho do GP com indicadores coletivos e individuais, mapa-programa, registros das atividades, para comprovar a excelência do GP. A política, gerência e inovação são os fatores que levam à excelência de um GP, entende-se que são indispensáveis para fazer o que se tem de melhor e se tornar referência em domínios avançados. Com essa organização do GP é possível buscar por financiamento e gerência de

recursos financeiros, visualizando o empreendedorismo na geração de pesquisa, tecnologia e inovação na área da enfermagem e saúde (ERDMANN et al., 2013).

A Enfermagem representa um campo de conhecimento de domínio específico, vem ganhando espaço historicamente pela sua evolução e consolidação de áreas temáticas e linhas de pesquisa voltadas para a formação de excelência, para atuação em diferentes dimensões e níveis de complexidade do cuidado a saúde (SCOCHI et al., 2013).

Destarte, é na pós-graduação em enfermagem brasileira que se desenvolvem inovações com impactos em cenário educacional, sociopolítico, científico, tecnológico para a enfermagem e saúde, orientadas por políticas públicas que balizam essas ações (SCOCHI et al., 2013).

O fortalecimento do papel dos enfermeiros, nas áreas acadêmica e assistencial, decorre da sua formação e dos grupos de pesquisa. A grupos de pesquisa refere-se o avanço do conhecimento oportunizado por estes, evidenciado pela produção científica. A qual proporciona a qualificação profissional, valorizando as suas práticas, garante maior visibilidade profissional e dissemina o conhecimento evidenciado pela pesquisa científica (SILVA et al., 2017).

A ampliação da visibilidade da enfermagem pode ser vista, além do âmbito nacional, em nível internacional, pela produção científica e aumento no número de pós-graduações. Assim, pode-se evidenciar um aumento expressivo na produção indexada nas bases Scopus/SCImago refletindo no *ranking* mundial. Em 2005 a Enfermagem brasileira ocupava a colocação 25º na produção da área, em 2010 ascendeu para o 6º lugar, à frente de países como Austrália, Canadá, Estados Unidos da América e França (SCOCHI et al., 2013).

Em menção ao âmbito nacional, nas mesmas bases de dados, em 2005 a Enfermagem representava 0,23% do conhecimento científico, em 2010 passou a 1,87%, o que representa um aumento de 713% de conhecimento produzido. O aumento nos índices e maior visibilidade da internacionalização são decorrentes da qualidade da produção científica, realizada por docentes, discentes e egressos, em periódicos indexados com alto fator de impacto e, consequentemente, constatado pelo número de citações (SCOCHI et al., 2013).

Essa internacionalização também pode ser evidenciada pela atuação dos docentes enfermeiros brasileiros na revisão de artigos; participação em conselhos editoriais de importantes periódicos internacionais; organização ou participação em eventos científicos no exterior; integração de comitês e sociedades científicas internacionais;

captação de recursos internacionais; parcerias internacionais; participação em bancas e orientação de outros países. Bem como no recebimento, para intercâmbio, de alunos estrangeiros em diferentes níveis de formação (SCOCHI et al., 2013).

Nas diferentes áreas de atuação da enfermagem, a ascensão ocorre por um mesmo sentido, a inovação, desenvolvimento tecnológico, qualidade e avanço entre a assistência e a pesquisa pelo conhecimento científico. Como exemplo, pode-se citar a área de saúde do trabalhador, as alternativas inovadoras são decorrentes da progressão na formação e das melhorias dentro e fora das condições de trabalho (SILVA et al., 2017).

Nesse sentido, a Enfermagem brasileira demonstra-se cada vez mais desperta para a produção do conhecimento em nível mundial, principalmente no que se refere ao aumento do conhecimento produzido. Todavia, os quesitos relacionados à internacionalização ainda carecem de maior atenção, como, por exemplo: parcerias, domínio da língua inglesa, para que, assim, se possa de fato efetuar os princípios de uma internacionalização estruturada.

4 MÉTODO

4.1 DESENHO DO ESTUDO

Trata-se de uma pesquisa exploratória-descritiva, desenvolvida em duas etapas: uma qualitativa e outra quantitativa.

4.2 CONTEXTO DO ESTUDO

O cenário de estudo foi o Programa de Pós-Graduação em Enfermagem (PEN) *stricto sensu* da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), criado em 1976, inicialmente com o curso de mestrado e em 1993 com o curso de doutorado. Desde a sua criação até maio de 2016 titulou 680 mestres, 292 doutores e foi campo de estágio para a formação de 48 pós-doutores. A formação tem amplitude regional, nacional, internacional e contempla discentes brasileiros e estrangeiros, desempenhando importante papel na continuidade do desenvolvimento de enfermeiros e outros profissionais. O PEN obteve o conceito 6 em 2010, manteve essa nota em 2013, e na última avaliação quadrienal da CAPES (2017) foi caracterizado como um programa de excelência na formação de profissionais para atuação na pesquisa e no ensino (BACKES; BRÜGGEMANN, 2016).

A partir da reformulação do programa em 2010, foram criadas duas áreas de concentração: Filosofia, Cuidado em Saúde e Enfermagem; e Educação e Trabalho em Saúde e Enfermagem. O corpo docente é formado por 32 professores, pesquisadores atuantes em 32 macroprojetos de pesquisa, alocados nas duas áreas de concentração. Destes, 12 são pesquisadores do CNPq de Produtividade em Pesquisa, nos níveis: 1A (2), 1B (2), 1C (1), 1D (1) e PQ2 (6); e dois são pesquisadores de Desenvolvimento Tecnológico. Na última avaliação foi contabilizada a produção de 360 artigos em periódicos classificados em Qualis A1, A2 e B1 (BACKES; BRÜGGEMANN, 2016).

Nesse cenário, estão vinculados ao PEN 14 Laboratórios/Grupos de Pesquisa de enfermagem, conforme apresentado no Quadro 1.

Quadro 1 - Grupos de pesquisa. Florianópolis, 2018

Nome do Grupo de pesquisa	Abreviatura
Laboratório de Pesquisas e Tecnologias em Enfermagem, Cuidado em Saúde a Pessoas Idosas	GESPI
Laboratório de Pesquisas e Tecnologias em Enfermagem e Saúde a Pessoas em Condição Crônica	NUCRON
Laboratório de Pesquisa, Tecnologia e Inovação Cuidando e Confortando	C&C
Laboratório de Produção Tecnológica em Saúde e Grupo de Pesquisa Clínica em Tecnologias e Informática em Saúde e Enfermagem	LAPETEC/ GIATE
Laboratório de Pesquisa, Tecnologia e Inovação em Enfermagem, Quotidiano, Imaginário, Saúde e Família de Santa Catarina	NUPEQUIS- FAM-SC
Laboratório de Pesquisa, Tecnologia e Inovação em Políticas e Gestão do Cuidado e da Educação em Enfermagem e Saúde	GEPADES
Laboratório de Pesquisa em Enfermagem e Promoção da Saúde	LAPEPS
Laboratório de Pesquisa em Enfermagem na Saúde da Mulher e do Recém-Nascido	GRUPESMUR
Laboratório de Pesquisas no Cuidado de Pessoas em Situações Agudas de Saúde	GEASS
Laboratório de Pesquisas e Tecnologia em História do Conhecimento da Enfermagem e Saúde	GEHCES
Laboratório de Pesquisa e Tecnologia em Educação em Enfermagem e Saúde	EDEN
Laboratório de Pesquisa sobre Trabalho, Ética, Saúde e Enfermagem	PRÁXIS
Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão na Saúde da Criança e do Adolescente	GEPESCA
Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão e Tecnologia em Enfermagem e Reabilitação	REHABILITAR

Fonte: elaborado pelos autores.

A escolha do local de estudo ocorreu por conveniência, pela inserção do pesquisador no PEN. Além disso, destaca-se a relevância do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, que é avaliado pela CAPES como um programa de excelência acadêmica internacional. Os

14 grupos estavam cadastrados no Diretório de Grupos de Pesquisa do Brasil e foram certificados pela instituição, e 10 haviam sido atualizados em 2018.

Para caracterização desses grupos foi construído pelos autores um instrumento de coleta de dados referente aos indicadores de cada GP coletados da Plataforma do Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil e inseridos em planilha do Microsoft® Office Excel 2013 (APÊNDICE A), contando com os dados definidos como: grupo, situação, ano de formação, data do último envio, líderes, número e nome das linhas de pesquisa, docentes, pós-doutorandos, doutorandos, mestrandos, especializandos, graduandos, técnicos, colaboradores estrangeiros, instituições parceiras, equipamentos e *software*.

4.3 ETAPA 1 – QUALITATIVA

A etapa qualitativa foi ancorada na perspectiva teórica e metodológica pela *Grounded Theory* ou Teoria Fundamentada nos Dados (TFD), como foi traduzida para o português. O método foi desenvolvido nos Estados Unidos por Barney Glaser e Anselm Strauss, nos anos de 1960, entretanto, mais tarde surgiram outras vertentes e atualizações do método (STRAUSS; CORBIN, 2008).

A vertente adotada para este trabalho foi a versão straussiana, atualizada por Juliet M. Corbin e Strauss (CORBIN; STRAUSS, 2015). Essa vertente parte de uma base pós-positivista, denominada como relativista ou subjetivista, que se diferencia especialmente pela adoção de um modelo paradigmático ou paradigma de codificação como ferramenta analítica para a compreensão do fenômeno investigado (SANTOS et al., 2016).

Essa metodologia de pesquisa valoriza os significados sociais subjetivos a partir da ação humana, com olhar voltado para “o que” e “como”, compreendendo os aspectos sociais, históricos e políticos do contexto em que a pesquisa está inserida (SANTOS et al., 2016). O objetivo dessa metodologia é construir uma teoria fundamentada em dados, como uma forma de pensar e estudar fenômenos sociais e, para tanto, adota determinadas técnicas e procedimentos para a coleta e análise de dados (CORBIN; STRAUSS, 2015).

A partir de um rigoroso processo de formulação e integração dos conceitos, sistematizados de forma lógica, se revela o conhecimento dos fenômenos sociais por meio de uma teoria, a qual é decorrente da pesquisa e sempre vai emergir com base nos dados. Desta forma, são necessárias

condições para a ocorrência de um fenômeno, o que resulta desse processo é um modelo teórico (SANTOS et al., 2016).

4.3.1 Participantes do estudo

A amostragem teórica do estudo foi composta por 21 participantes dispostos em dois grupos amostrais. O primeiro grupo amostral foi composto por 10 líderes de grupos de pesquisa. Esses informantes foram escolhidos por serem atores que estão diretamente relacionados com a produção e difusão do conhecimento científico. O segundo grupo amostral foi formado por nove discentes e por dois ex-líderes de grupos de pesquisa. Dos 14 grupos de pesquisa vinculados ao Programa, 10 grupos tiveram participação.

Quadro 2 - Distribuição dos participantes de acordo com o grupo amostral. Florianópolis, 2018

Grupos	Participantes	Crítérios de inclusão	Crítérios de exclusão	Questão central
1º Grupo amostra 1	7 líderes	Docentes permanentes do PEN, líderes ou vice-líderes de grupos de pesquisa por no mínimo dois anos, orientadores de mestrado e doutorado.	Participantes com licença para tratamento de saúde ou que se encontravam fora do país durante a coleta de dados	Quais significados você atribui à gestão do grupo de pesquisa?
	3 vice-líderes			
2º Grupo amostra 1	1 pós-doutorando 3 doutorandos 2 mestrandos 3 graduandos 2 ex-líderes	Discentes do PEN, participantes de grupo de pesquisa por no mínimo seis meses.		Como você percebe a gestão do grupo de pesquisa?

		Docentes voluntários do PEN, ex-líderes de grupos de pesquisa.		
--	--	--	--	--

Fonte: elaborado pelos autores.

4.3.2 Coleta e análise dos dados

Esses informantes foram escolhidos por serem atores que estão diretamente relacionados com a produção e difusão do conhecimento científico.

A coleta de dados foi realizada de abril a outubro de 2018. Foi feito contato via *e-mail* para verificar o aceite e a disponibilidade de participar da pesquisa. Em seguida, a coleta de dados dos vice-líderes, que também compuseram o primeiro grupo amostral, foi guiada pela profundidade dos dados. A partir desses, os demais grupos amostrais foram constituídos com base na análise dos dados e pressupostos levantados no primeiro grupo amostral (STRAUSS; CORBIN, 2008).

A partir da coleta do primeiro grupo amostral, elaborou-se a hipótese: a gestão dos grupos de pesquisa de um programa de pós-graduação em enfermagem ocorre de forma compartilhada com os demais membros do grupo. Assim, emergiu a hipótese de uma gestão compartilhada e auxílio mútuo entre líderes e participantes. Nesse sentido, a composição do segundo grupo amostral buscou explorar a percepção dos discentes e ex-líderes de grupos de pesquisa como participantes ativos do processo de gestão, com a seguinte questão: “Como você percebe a gestão do grupo de pesquisa?”. Após a análise das entrevistas do segundo grupo amostral foi possível concluir que, embora cada participante desenvolva a sua função no grupo de pesquisa, todos contribuem e auxiliam para a gestão do grupo de pesquisa.

Os participantes do estudo que preencherem os critérios de inclusão foram contatados formalmente via correio eletrônico e convidados a participar do estudo. O endereço de *e-mail* foi obtido no *site* do programa de pós-graduação e a entrevista foi agendada à medida que os participantes apresentavam disponibilidade.

Foi realizada entrevista aberta (APÊNDICE B) no local de trabalho dos participantes ou em outra sala disponibilizada pelo PEN, em data e horário previamente agendados e adequados aos entrevistados.

As entrevistas tiveram duração média de 38 minutos foram audiogravadas com a ferramenta de gravação de *smartphone*, armazenadas em um dispositivo portátil de armazenamento (*pen drive*) e transcritas na íntegra utilizando o *Microsoft® Office Word 2013*. Após a transcrição, o documento com a entrevista na íntegra foi encaminhado via *e-mail* para que cada participante fizesse a validação da sua fala. Quando emergiram dúvidas quanto às falas dos participantes ou algum fato mencionado exigia maior aprofundamento, os pesquisadores solicitaram complementação nesse momento.

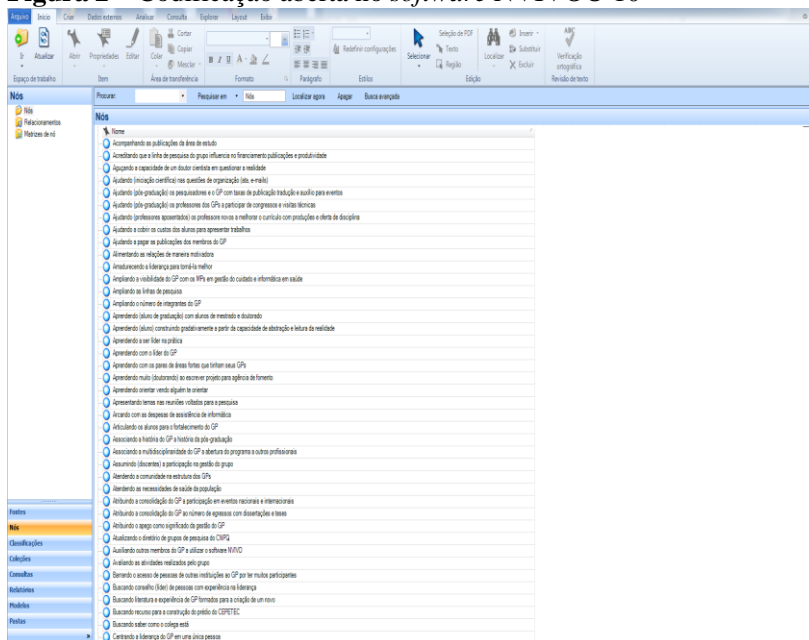
A coleta de dados foi finalizada com a saturação teórica dos dados quando não foram evidenciados dados novos e as categorias estavam bem desenvolvidas quanto a propriedades, dimensões e validade (STRAUSS; CORBIN, 2008).

De acordo com Corbin e Strauss (2015), a TFD compreende três componentes sistemáticos para o processo de codificação e análise dos dados, são eles: condição, ações-interações e consequências. O processo entre as relações e interações associado ao componente analítico leva à evidência do fenômeno. O contexto, nesse caso, é considerado como um elemento transversal perpassando os demais. Desses três componentes, as condições são as razões que os informantes expressam para a ocorrência de determinada situação e suas explicações para a ação; as respostas expressas pelas pessoas frente a situações problemáticas da vida correspondem às ações-interações; e o componente consequência é proveniente dos resultados reais ou previstos.

A organização e análise de dados foi realizada com o apoio do *software NVIVO® 10*, em concomitância à coleta de dados dos demais participantes. A análise dos dados foi classificada em três momentos interdependentes, sendo eles: codificação aberta, codificação axial e integração.

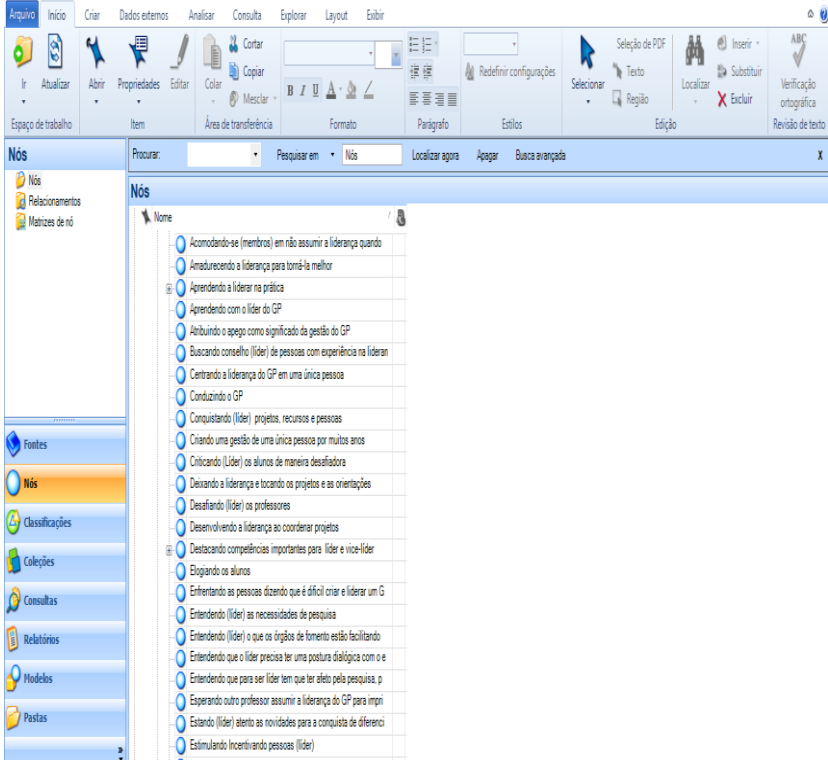
A codificação aberta, também chamada de conceituação, é o momento de análise em que se identificam as características e as propriedades que se encontram nos conceitos, agrupando-os de acordo com a sua similaridade (CORBIN; STRAUSS, 2015).

Figura 2 – Codificação aberta no *software* NVIVO® 10



Fonte: Arquivo dos autores no *software* NVIVO® 10

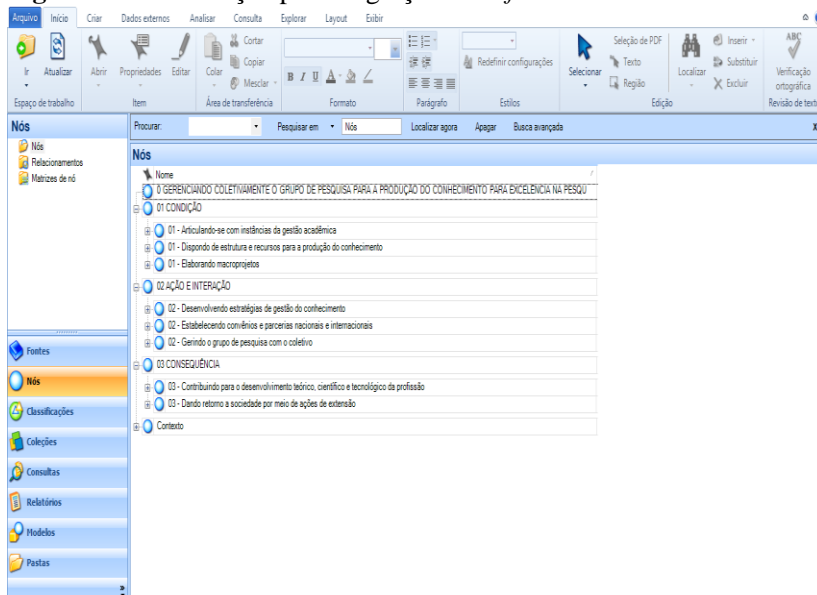
Em seguida, na codificação axial, o pesquisador relaciona as categorias e as subcategorias. As categorias são conceitos, ou seja, fatos levantados pelos informantes. As subcategorias representam explicações para esses fenômenos. Ao relacionar categorias e subcategorias, objetiva-se a explicação desses fatos para evidenciar o fenômeno na forma de um modelo paradigmático preconizado pelos autores da teoria (CORBIN; STRAUSS, 2015).

Figura 3 – Codificação axial no *software* NVIVO® 10

Fonte: Arquivo dos autores no *software* NVIVO® 10

Por fim, a última fase de codificação é a integração. Nesta etapa, unificam-se os conceitos das categorias e subcategorias a fim de construir a teoria a partir da identificação de um fenômeno ou categoria central (CORBIN; STRAUSS, 2015).

Figura 4 – Codificação por integração no *software* NVIVO® 10



Fonte: Arquivo dos autores no *software* NVIVO® 10

4.3.3 Memorandos e diagramas

A metodologia empregada propõe a construção de memorandos e diagramas, como produtos da análise e direção para o analista. São componentes indispensáveis para a formação da teoria. Os memorandos são registros escritos, analíticos ou conceituais, caracterizando um tipo de registro bem específico. Os diagramas são considerados memorandos visuais para evidenciar as relações entre conceitos (STRAUSS; CORBIN, 2008).

Os memorandos e diagramas são interligados entre si, progredem à medida que a pesquisa vai sendo executada, são ampliados em complexidade, densidade, clareza e acuidade para embasar a pesquisa e preservar a consciência do pesquisador. Os memorandos e diagramas podem ser feitos de forma manual ou com auxílio de programas computacionais para esse fim, a depender da preferência do analista, entretanto, nesse processo, é relevante que sejam ordenados,

progressivos, sistemáticos, de fácil recuperação para classificação e referência cruzada (STRAUSS; CORBIN, 2008).

Destarte, servem de preparação para o pesquisador desenvolver o pensamento analista ao se referir a ideias conceituais derivadas de incidentes ou fatos. Neste estudo, os 16 memorandos, com bases conceituais e analíticas, foram escritos no *software* NVIVO® 10 e cinco diagramas construídos de forma manual, à medida que o estudo ia sendo desenvolvido. A seguir, serão apresentados um memorando e dois diagramas que compuseram o estudo. O Quadro 3 apresenta um dos memorandos elaborados.

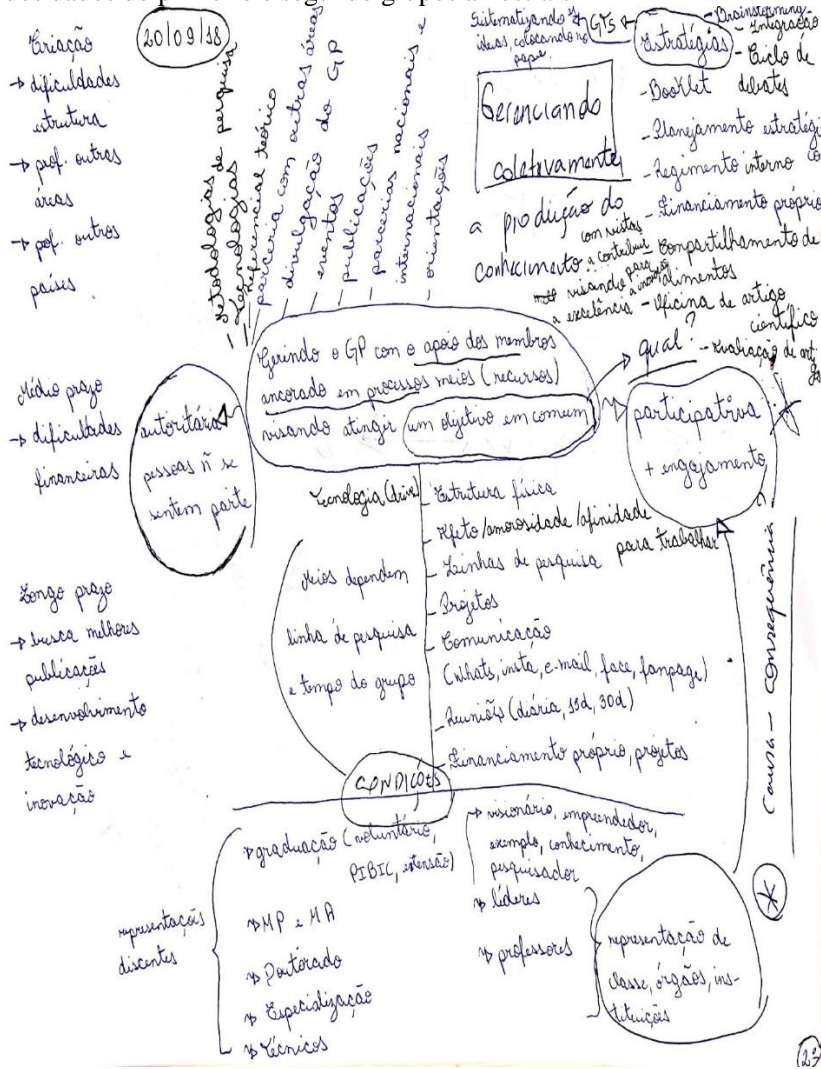
Quadro 3 - Memorando elaborado a partir da entrevista 05 do primeiro grupo amostral. Florianópolis, 2018

Memorando 05
Título: Compartilhando a gestão do grupo de pesquisa
Data: 11/06/2018
Evidenciou-se uma gestão compartilhada do grupo de pesquisa, os demais pesquisadores são destacados como fortes lideranças, igualmente reconhecidos e preparados como líderes. Além disso, teve ressalva a importância de valorizar a história e as potencialidades de cada membro do grupo. Como em outras entrevistas, surgiu a questão da gestão compartilhada, o que sugere esse tipo de liderança nos grupos de pesquisa em enfermagem do programa.

Fonte: elaborado pelos autores.

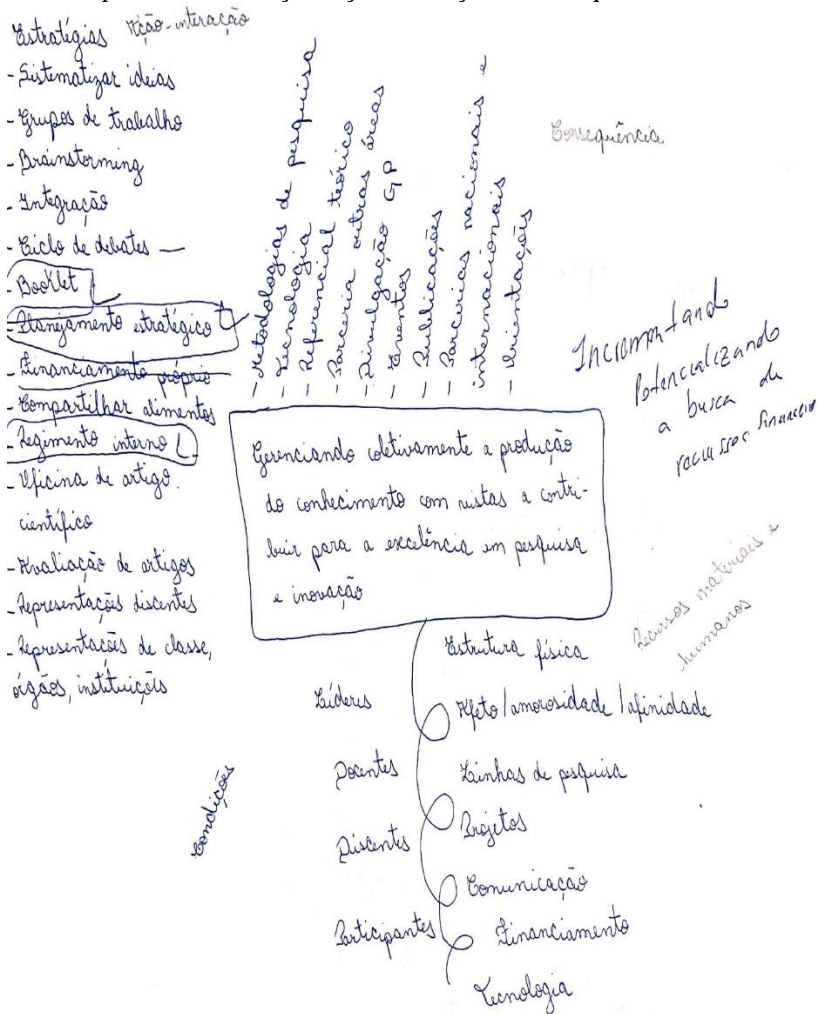
As Figuras 5 e 6 apresentam dois diagramas que expressam o processo de construção do modelo teórico, explicitando o aprofundamento das hipóteses e a incorporação de novos fatos à medida que a pesquisa ia sendo desenvolvida.

Figura 5 – Diagrama representativo do modelo teórico elaborado a partir dos dados do primeiro e segundo grupos amostrais



Fonte: elaborado pelos autores, Florianópolis, 2018.

Figura 6 – Diagrama representativo do modelo teórico elaborado a partir dos componentes: condição, ação-interação e consequência



13/30/18

Fonte: elaborado pelos autores, Florianópolis, 2018.

4.3.4 Validação do modelo teórico

A etapa de validação do modelo teórico é fundamental para conferir rigor científico e consolidar os dados da pesquisa, principalmente pela vertente straussiana. A validação é uma forma de comprovar a representatividade expressa pelo modelo teórico para aquela realidade investigada e sua aplicabilidade a outros contextos, com a possibilidade de incorporação de novos elementos a fortalecer o fenômeno investigado (SANTOS et al., 2016).

O modelo teórico foi apresentado a três *experts* nessa metodologia de estudo e cinco participantes de grupo de pesquisa. Os validadores, após sugestão de ajustes em algumas categorias e subcategorias, aprovaram o modelo teórico e sentiram-se representados pelo fenômeno. Além disso, destacaram a importância do estudo em uma área ainda pouco explorada na literatura acadêmica da Enfermagem.

A figura do modelo teórico de gestão de grupos de pesquisa será apresentada no manuscrito 1, junto à descrição dos resultados.

4.4 ETAPA 2 – QUANTITATIVA

A etapa quantitativa foi um estudo correlacional, caracterizado por determinar e quantificar a relação entre duas ou mais variáveis. O estudo correlacional permite, a partir de uma variável, prever o comportamento de outra variável, além disso, também determina o grau de relação entre as variáveis (HENRIQUE, NEVES, PESQUITA, 2005).

4.4.1 População e amostra

A população foi composta por participantes dos grupos de pesquisa, entre eles: discentes de graduação, especialização, residência, mestrado e doutorado acadêmico, mestrado profissional, técnicos e professores. A amostra, composta por 219 participantes, foi do tipo não probabilística por conveniência.

Os critérios de inclusão previam a participação dos integrantes em grupos de pesquisa, sem estipular um tempo mínimo. Foram excluídos participantes que estavam afastados das suas atividades no período da coleta de dados.

4.4.2 Coleta de dados

Foi realizado contato com os líderes dos grupos de pesquisa para verificar a viabilização da aplicação da escala de competências gerenciais durante a reunião de cada grupo. Os líderes indicaram a data da reunião e o horário mais adequado ao cronograma das suas atividades. Foi enviado um convite via *e-mail* para os integrantes do grupo, referente à participação na pesquisa. Além disso, no dia da reunião foram convidados, de forma presencial, a participar. Os integrantes que aceitaram participar do estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e preencheram a Escala de Competências Gerenciais em Grupos de Pesquisa (FREITAS, ODELIUS, 2017). A coleta foi realizada no período de junho a setembro de 2018, em 14 (todos) grupos de pesquisa.

Os dados foram coletados em instrumento do tipo questionário fechado, construído para esta pesquisa, com dados sociodemográficos (idade, sexo, formação, nível de escolaridade, atuação no grupo, tempo de experiência com pesquisa e tempo de participação no grupo de pesquisa) e a Escala de Competências Gerenciais em GP (ANEXO A) (FREITAS, ODELIUS, 2017).

A escala de Competências Gerenciais em grupos de pesquisa compreende dois fatores relativos: Fator 1 – Gestão de pessoas e de resultados de pesquisa; e Fator 2 – Captação de recursos e de pessoas. Esse instrumento foi desenvolvido e validado por autores da área da administração, aplicado no cenário brasileiro a grupos de pesquisa de diferentes áreas de conhecimento, em instituições públicas e privadas. Os participantes foram orientados quanto à marcação das respostas aos 50 itens do instrumento. Para cada um dos itens, o participante poderia marcar apenas uma opção, de acordo com a sua participação no grupo de pesquisa. Foi utilizada uma escala Likert expressa de 0 a 5, em que 0 representava nenhum domínio, 5 equivalia a domínio completo e NA não se aplicava (FREITAS, ODELIUS, 2017).

4.4.3 Análise estatística

A escala apresenta uma análise própria dos dados, com variáveis dicotômicas referentes aos itens da escala para o grau de domínio de competências gerenciais. As respostas 0, 1, 2 e 3 foram consideradas

como domínio insuficiente e as respostas 4 e 5, como domínio suficiente (FREITAS; ODELIUS, 2016).

Os dados provenientes das respostas da Escala de Competências Gerenciais foram tabulados no Microsoft® Office Excel e posteriormente exportados para o IBM SPSS® *Statistics* 20, para análise estatística descritiva e inferencial.

Para todas as variáveis foram efetuadas análises descritivas de competências gerenciais de acordo com a natureza das exposições. Para as variáveis quantitativas foram calculados a média, desvio padrão, mínimo e máximo. Para as variáveis qualitativas foi calculada a proporção, a diferença entre a ocorrência das competências gerenciais para essas variáveis foi calculada pelo teste Exato de Fischer ou teste do Qui-Quadrado. Foram consideradas estatisticamente significativas as variáveis que apresentaram valor de $p \leq 0,05$ na análise bivariada. Na análise bruta, realizaram-se regressões logísticas estimando-se a *Odds Ratio* (OR) bruta e ajustada, com seus respectivos Índice de Confiança (IC95%).

4.5 ASPECTOS ÉTICOS

Em cumprimento à ética em pesquisa que envolve seres humanos, foram atendidas as recomendações descritas na Resolução n° 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde (CNS). O presente estudo teve anuência do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem (ANEXO B) e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH-UFSC), com o Parecer de número 2.595.322 e Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) 81636317.0.0000.0121 (ANEXO C).

Os participantes foram informados sobre os objetivos e a metodologia adotada na pesquisa. Foi adotado um TCLE para a etapa qualitativa (APÊNDICE C) e outro para a etapa quantitativa da pesquisa (APÊNDICE D), assinados em duas vias, uma ficando de posse da pesquisadora e a outra, do participante. Como as entrevistas foram audiogravadas, os participantes foram convidados a assinar, além do TCLE, o Consentimento para fotografias, vídeos e gravações (ANEXO D). Foi garantida a saída do estudo em qualquer fase, sem prejuízo aos participantes.

Para manter a confidencialidade das informações contidas e o sigilo dos participantes, as entrevistas foram codificadas com a letra “P” e o número correspondente à ordem em que os participantes foram

entrevistados. Na etapa quantitativa, o questionário com a Escala de Competências Gerenciais foi enumerado à medida que os participantes entregaram.

5 RESULTADOS

Neste capítulo, os resultados da pesquisa serão apresentados no formato de dois manuscritos, conforme estabelece a Instrução Normativa 10/PEN/2011 do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFSC, que dispõe sobre os critérios para elaboração e formato de apresentação dos trabalhos de conclusão do curso de Mestrado e Doutorado. Cada manuscrito responde a um dos objetivos da pesquisa, conforme o Quadro 4:

Quadro 4 – Resultados da pesquisa de acordo com os objetivos. Florianópolis, 2018

Manuscrito	Objetivo	Título
1 (etapa qualitativa)	Elaborar um modelo teórico de gestão de grupos de pesquisa vinculados a um programa de pós-graduação em enfermagem <i>stricto sensu</i> de uma universidade pública.	Gestão de grupos de pesquisa em enfermagem
2 (etapa quantitativa)	Identificar as competências gerenciais de participantes de grupos de pesquisa de enfermagem vinculados a um programa de pós-graduação <i>stricto sensu</i> de uma universidade pública.	Competências gerenciais de participantes de grupos de pesquisa de enfermagem

Fonte: elaborado pelos autores.

5.1 MANUSCRITO 1: GESTÃO DE GRUPOS DE PESQUISA EM ENFERMAGEM

GESTÃO DE GRUPOS DE PESQUISA EM ENFERMAGEM

RESUMO

Objetivo. Elaborar um modelo teórico de gestão de grupos de pesquisa de um programa de pós-graduação em enfermagem. **Métodos.** Trata-se de uma pesquisa qualitativa ancorada teórica e metodologicamente nos preceitos da Teoria Fundamentada nos Dados, desenvolvida em um

programa de pós-graduação em enfermagem *stricto sensu* de uma universidade pública do Sul do país. A coleta de dados foi realizada de abril a outubro de 2018 e a amostra teórica foi composta por 21 participantes dispostos em três grupos amostrais. **Resultados.** Oito categorias e vinte e duas subcategorias sustentam o fenômeno “Gerenciando coletivamente o grupo de pesquisa para a produção do conhecimento científico e formação de recursos humanos em enfermagem e saúde”. **Conclusão.** As atividades de pesquisa estão vinculadas a grupos de pesquisa, que necessitam de recursos humanos, materiais e financeiros para desenvolver seus estudos. Essas condições pedem estratégias de gestão e interações nacionais e internacionais nos grupos de pesquisa que resultam em desenvolvimento teórico, científico e tecnológico da profissão e retorno social. A gestão dos grupos de pesquisa ocorre de forma compartilhada entre os participantes.

Palavras-chave: Universidades; Grupos de pesquisa; Educação em Enfermagem; Organização e Administração; Teoria Fundamentada em Dados.

INTRODUÇÃO

As demandas emergentes dos problemas de pesquisa, como complexidade e interdisciplinaridade, exigem uma junção de conhecimentos por parte dos pesquisadores na busca de soluções, por este fato, as pesquisas são conduzidas em grupos de pesquisa que contam com pesquisadores interessados em determinada temática de estudo (VERBREE et al., 2015).

Os grupos de pesquisa englobam um conjunto de indivíduos organizados de acordo com sua competência no campo científico ou tecnológico e o seu envolvimento frente às atividades de pesquisa. Esses grupos são organizados em torno de linhas de pesquisa, áreas de concentração e seus componentes compartilham recursos em distintos graus (BRASIL, 2017).

As métricas para grupos de excelência diferem entre os países. No Reino Unido, os grupos de pesquisa considerados de excelência na área da saúde atingem três medidas de produtividades: o número de publicações, o fator de impacto dos periódicos nos quais os artigos são publicados e o número de citações (COOK; GRANGE; EYRE-WALKER, 2015).

Para que os grupos de pesquisa alcancem os resultados que se propõem, alguns fatores como gestão e liderança influenciam no seu

desempenho acadêmico. A liderança está atrelada à construção de uma agenda de pesquisa desafiadora e ao incentivo e inspiração dos pesquisadores para o cumprimento da programação. Enquanto que a gestão preocupa-se com a organização do processo de trabalho para garantir a execução dos projetos e melhorar os processos de funcionamento do grupo (VERBREE et al., 2015).

Os grupos de pesquisa na área da enfermagem apresentaram um aumento de 146% nos últimos dez anos, passando de 251 em 2006 para 617 em 2016, entretanto, dos 251 encontrados em 2006, 43 (17%) não foram localizados em 2016, o que representa o encerramento de uma parcela importante de grupos ao longo dos anos (ERDMANN; PEITER; LANZONI, 2017).

Emergem, então, alguns questionamentos sobre os processos de gestão de grupos de pesquisa: Como processos de gestão e de liderança bem estruturados podem influenciar positivamente nos resultados dos grupos de pesquisa? Quais as características de um modelo teórico de gestão que possa auxiliar os demais grupos de pesquisa a pensarem novas perspectivas para potencializar seu desempenho?

Assim, esta pesquisa teve como objetivo elaborar um modelo teórico de gestão de grupos de pesquisa de um Programa de Pós-Graduação em Enfermagem *stricto sensu* de uma universidade pública.

MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa qualitativa ancorada teórica e metodologicamente nos preceitos da Teoria Fundamentada nos Dados (TFD), que busca construir uma teoria baseada nos significados dos fenômenos para os participantes (CORBIN; STRAUSS, 2015). O estudo foi realizado em grupos de pesquisa vinculados a um Programa de Pós-Graduação em Enfermagem *stricto sensu* de uma universidade pública.

A amostragem teórica foi composta por 21 participantes dispostos em dois grupos amostrais. O primeiro grupo amostral foi composto por 10 líderes de grupos de pesquisa, entre eles sete líderes e três vice-líderes, e teve como questão central: “Quais significados você atribui à gestão do grupo de pesquisa?”. O segundo grupo amostral foi formado por nove discentes: três doutorandos; um pós-doutorando; dois mestrandos; três graduandos; e dois ex-líderes de grupos de pesquisa, a fim de responder à hipótese: “A gestão dos grupos de pesquisa de um programa de pós-graduação em enfermagem ocorre de forma compartilhada com os demais membros do grupo.”. Dos 14 grupos de pesquisa vinculados ao programa, 10 grupos tiveram sujeitos no estudo.

A coleta de dados ocorreu no período de abril a outubro de 2018, por meio de entrevistas abertas audiogravadas com *smartphone*, com média de duração de 38 minutos.

Com o intuito de guiar o processo de pesquisa, foram elaborados 16 memorandos e cinco diagramas. Os memorandos e diagramas foram progressivos, à medida que o estudo foi sendo desenvolvido (CORBIN; STRAUSS, 2015).

A análise de dados foi realizada no *software* NVIVO®, em concomitância à coleta de dados dos participantes. A análise dos dados é classificada em três momentos interdependentes, sendo eles: codificação aberta, codificação axial e integração. A codificação aberta, também chamada de conceituação, é o momento de análise em que se identificam as características e as propriedades que se encontram nos conceitos, agrupando-os de acordo com a sua similaridade. Em seguida, na codificação axial, obtêm-se as subcategorias, as quais são formadas a partir dos fenômenos iniciais, com vistas à explicação desses fenômenos. Por fim, o último momento é a integração, em que se unificam os conceitos das categorias e subcategorias a fim de construir a teoria (CORBIN; STRAUSS, 2015).

A codificação axial compreende três componentes sistemáticos que orientam essa nova etapa de codificação e análise dos dados, são eles: condição, ações-interações e consequências. Desses três componentes, as condições são as razões que os informantes expressam para a ocorrência de determinada situação e suas explicações para a ação; as respostas expressas pelas pessoas frente a situações problemáticas da vida correspondem às ações-interações; e o componente consequência é proveniente dos resultados reais ou previstos. O contexto, nesse caso, é considerado como um elemento transversal perpassando os demais. O processo entre as relações e interações associado ao componente analítico leva à evidência do fenômeno (CORBIN; STRAUSS, 2015).

A validação do modelo teórico ocorreu por três *experts* na metodologia de estudo e cinco participantes de grupo de pesquisa. Após apresentados os resultados, os validadores fizeram sugestões pontuais sobre a apresentação das categorias e subcategorias e aprovaram o modelo teórico. Os validadores sentiram-se representados pelo fenômeno e destacaram a pertinência do estudo em uma área ainda pouco explorada.

Quanto aos aspectos éticos da pesquisa com seres humanos, foram atendidas as disposições da Resolução n. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. O estudo teve aprovação do Comitê de Ética, com o Parecer de número 2.595.322 e Certificado de Apresentação para Apreciação Ética 81636317.0.0000.0121. Os participantes foram informados quanto aos

objetivos e à metodologia adotada na pesquisa. Os que aceitaram participar do estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Para manter a confidencialidade das informações contidas e o sigilo dos participantes, as entrevistas foram codificadas com a letra “P” e o número correspondente à ordem em que os participantes foram entrevistados.

RESULTADOS

Entre os 21 participantes, integraram a pesquisa sete líderes, três vice-líderes, um pós-doutorando, três doutorandos; dois mestrandos, três graduandos e dois ex-líderes de grupos de pesquisa. Dos quais 20 do sexo feminino e um do sexo masculino, com idade entre 20 e 67 anos. O tempo de participação em grupos de pesquisa variou de 6 meses a 40 anos. Entre os líderes, vice-líderes e ex-líderes, o tempo de atuação docente variou entre 12 e 53 anos; o tempo de atuação na pós-graduação, entre 2 e 40 anos; e o tempo de atuação como líder ou vice-líder foi de 1 a 30 anos. Para o pós-doutorando, doutorandos, mestrandos e graduandos, a experiência com pesquisa variou de 3 meses a 11 anos.

A partir da análise dos dados e da integração metódica, foi evidenciado o fenômeno “Gerenciando coletivamente o grupo de pesquisa para a produção do conhecimento científico e formação de recursos humanos em enfermagem e saúde”. O fenômeno é sustentado por oito categorias e vinte e duas subcategorias, expressas no quadro a seguir:

Quadro 5 - Categorias e subcategorias do fenômeno. Florianópolis, 2018

Componente	Categoria	Subcategoria
Condição	Articulando-se com instâncias da gestão acadêmica	Compreendendo as políticas da universidade
		Contando com o apoio da pós-graduação
	Dispondo de estrutura e recursos para a produção do conhecimento	Buscando recursos financeiros
		Contando com participantes de diferentes áreas e níveis de formação
		Contando com a estrutura física
	Elaborando macroprojeto	Desenvolvendo projetos de ensino, pesquisa e extensão
Seguindo uma área de concentração e linha de pesquisa		
Ação e interação	Desenvolvendo estratégias de gestão do conhecimento	Estratégias de integração
		Estratégias de difusão e socialização do conhecimento
		Estratégias organizacionais
		Utilizando tecnologias de informação e comunicação
	Estabelecendo convênios e parcerias nacionais e internacionais	Estabelecendo parcerias
		Estimulando atividades de internacionalização
		Participando de entidades e representações de classe
	Gerindo o grupo de pesquisa com o coletivo	Construindo vínculos para além do contexto acadêmico
		Reconhecendo a importância da liderança no grupo de pesquisa
		Trabalhando em equipe

Consequência	Contribuindo para o desenvolvimento teórico, científico e tecnológico da profissão	Abrangendo diferentes referenciais teórico-metodológicos
		Colaborando para a inovação do conhecimento científico
		Formando profissionais para atuação na docência
	Dando retorno à sociedade por meio de ações de extensão	Atendendo às necessidades de saúde da população
		Desenvolvendo ações de extensão

Fonte: elaborado pelos autores.

O componente Condição foi formado por três categorias e sustentado por sete subcategorias que correspondem aos elementos indutores da ocorrência do fenômeno central.

Na primeira categoria, “**Articulando-se com instâncias da gestão acadêmica**”, a primeira subcategoria, “Compreendendo as políticas da universidade”, evidenciou a inserção do grupo de pesquisa em um contexto maior de uma universidade pública federal, que envolve Pró-Reitoria de Pesquisa, Departamento de Enfermagem e o Programa de Pós-Graduação em Enfermagem.

Associada a esta estrutura, formada em uma instituição de ensino, encontram-se políticas institucionais que regem a atuação das pessoas envolvidas por meio de normas, decretos e resoluções. Assim, decorre um alinhamento do que é preconizado pela universidade e das ações desenvolvidas pelo grupo de pesquisa.

O grupo de pesquisa faz parte disso e produz conhecimento dentro da universidade, os mesmos pressupostos que entendemos que a universidade tem, eles têm que estar ali aparecendo no grupo. (P13)

As universidades públicas deste país são a minoria. Nós temos mais de 80% do nosso país de universidades privadas, então a universidade pública é uma fortaleza de pensadores. São poucas as universidades que têm uma estrutura de pensadores tão própria como tem a universidade

pública, com doutores, com pessoas engajadas, com pessoas com experiência no exterior, com pessoas que estão pesquisando em outros lugares. E que tem essa apropriação do conhecimento, então acho que isso tem que ser valorizado sim, tem que ser colocado. (P10)

Eu acho que agora a parte principal vai ser, eu acredito, a política interna de departamento, e aí já é uma área que eu acho que a área acadêmica não tem noção da profundidade. Então eu acho que isso vai ficar mais com as professoras, elas que vão tentar resolver essa parte, desse espaço do grupo dentro da universidade. A gente sabe que não é fácil. (P18)

Na segunda subcategoria, “Contando com o apoio da pós-graduação”, foi evidenciada uma sinergia entre os grupos de pesquisa e a pós-graduação. A pós-graduação provê financiamentos, quais sejam: bolsas para discentes de mestrado e de doutorado por meio das agências de fomento Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); auxílio para docentes pesquisadores para congressos e visitas técnicas fora do país; custeio de taxa de tradução e publicações de artigos em revistas com extratos A1, A2 e B1, o que estimula as publicações de artigos científicos. Além disso, destacaram o compromisso da pós-graduação de prezar pelo cumprimento dos prazos estipulados para a qualificação e defesa de dissertações e teses.

Eu percebo uma relação perfeita porque o grupo é da pós-graduação, foi criado dentro do programa de pós-graduação, então ele tem uma vinculação simbiótica com a pós-graduação. Os dois andam e trabalham juntos o tempo todo [...] isso para mim já é dado. (P04)

A pós-graduação ajuda em termos de publicação, [...] ela ajuda com taxa de publicação, taxa de tradução em revistas A1, A2 e B1, nessas três. (P02)

Na segunda categoria, “**Dispondo de estrutura e recursos para a produção do conhecimento**”, a primeira subcategoria, “Buscando

recursos financeiros”, evidenciou que, se por um lado os grupos de pesquisa estão dentro de uma estrutura formal de uma universidade, por outro lado não esperam somente da instituição e assumem a responsabilidade de captar financiamento de fontes externas à instituição. Uma das formas de arrecadar recursos é submetendo projetos a editais financiados por agências de fomento. Para tanto, os pesquisadores se reúnem em grupos de trabalho, de acordo com os interesses de pesquisa, formados por docentes e discentes.

Falando do funcionamento do grupo, o professor tem que ter projetos financiados para conseguir os recursos, depende do espírito empreendedor do professor e precisa ter uma compreensão dos membros. (P01)

A gente faz planejamento para concorrer àqueles editais que tenham a ver com a área do grupo e se reúnem grupos de trabalhos para poder construir propostas para esses editais, e sempre estamos concorrendo em editais. (P10)

Este ano teve alguns editais que abriram e, participando do grupo, pensando na formação que eu estou fazendo, eu preciso estar conectada com as demandas das agências de fomento. Então, foram demandas levadas para o grupo e isso foi aceito, no caso, com a minha orientadora. (P13)

O nosso foco foi a construção desse prédio, local que abriga os laboratórios de pesquisa, além das salas dos professores. Nós íamos muito atrás das coisas, dos prazos, e se falava com o engenheiro quase toda semana. (P08)

Além disso, outras formas de arrecadação de recursos financeiros são: oficinas de projetos de extensão para as comunidades acadêmica e externa; pagamento de uma mensalidade dos membros do grupo. Nos dois casos, os proventos obtidos são revertidos em prol das necessidades do grupo de pesquisa ou são empregados no auxílio a discentes para a participação e apresentação de trabalhos em eventos.

Nós temos algumas dificuldades, principalmente o lado financeiro, mas se consegue contornar com os

nossos projetos de extensão, ministrando palestras, e se consegue arrecadar dinheiro. (P02)

Oferecemos oficinas com valores de 10 reais para alunos e para a comunidade; temos uma mensalidade do grupo e inclui a compra do café, pintura da sala do grupo que iremos fazer, para comprar outras coisas como bolachas e tudo mais. Tudo que usamos no grupo é comprado com o dinheiro da mensalidade que todos pagam. Eu faço o controle e compro as coisas também. (P19)

A segunda subcategoria, “Contando com participantes de diferentes áreas e níveis de formação”, demonstrou uma composição heterogênea na conformação dos grupos de pesquisa, com diferentes níveis de formação, áreas de atuação e nacionalidades. Entre eles, discentes de graduação, mestrado, doutorado, especialização, residência, mestrado profissional; profissionais de instituições de saúde; docente colaborador, permanente e voluntário. Dentre estes membros estão, além de enfermeiros, educadores físicos, biólogos, fonoaudiólogos, fisioterapeuta, entre outros.

O nosso objetivo é esse, é integrar alunos de graduação, pós-graduação, enfermeiros e outros profissionais que estão atuando, que não necessariamente estejam dentro da universidade, mas o grupo se abre para isso. (P09)

Temos que envolver o enfermeiro que está na ponta, o técnico de enfermagem, que pode participar sim, por que não? Temos que envolver outros profissionais de outras áreas e temos que envolver os nossos alunos de mestrado, doutorado e graduação. (P07)

Mas acredito que tem uma relação de ser um grupo multiprofissional, por conta de ter uma abertura no programa, que não é só para enfermeiros, então outros profissionais procuram a pós-graduação aqui para fazer. E isso agrega bastante, porque são diferentes percepções. (P09)

Na terceira subcategoria, “Contando com a estrutura física”,

constataram-se os avanços conquistados na estrutura desde a criação dos grupos de pesquisa até o momento atual, com espaços considerados adequados. A estrutura física foi percebida como tão importante quanto os recursos humanos, por propiciar o encontro e a comunicação entre os participantes do grupo de pesquisa.

O grupo tem que ter recursos não só humanos, mas também materiais, já temos bastante coisa. Tem condições aqui de, se os alunos, mestrandos, doutorandos, os alunos de graduação precisarem de uma sala, já tem uma sala para que eles possam vir, fazer os trabalhos deles. Então, quer dizer, também temos esses recursos para oferecer para aos alunos ou para os pesquisadores ou para os integrantes do grupo. Então, acho que é esse conjunto todo, sabe? (P09)

Na terceira categoria, “**Elaborando macroprojetos**”, a primeira subcategoria, “Desenvolvendo projetos de pesquisa e extensão”, mostra que os grupos de pesquisa comportam projetos multicêntricos no Brasil e no exterior, em que os membros são inseridos para realizar seus trabalhos. Além dos projetos de dissertações e teses, também se vinculam a projetos paralelos com o objetivo de agregar na formação, interagir e associar o conhecimento da área de pesquisa.

Nós temos macroprojetos e projetos menores em que os alunos se envolvem, alunos de mestrado e doutorado entram para fazer as suas dissertações e teses, maiores. E os alunos da graduação também, PIBIC. Então, costumamos fazer esses projetos, e aí envolvemos as outras pessoas. (P02)

Olha, você vai ficar sozinho, então vamos fazer um paralelo. Essa questão de projetos paralelos eu acho que é inovador no nosso grupo, porque é quando você pode de fato interagir, não é? Com os objetivos. (P01)

A segunda subcategoria, “Seguindo uma área de concentração e linha de pesquisa”, expressou o desenvolvimento de projetos alinhados às linhas de pesquisa e às duas áreas de concentração que estão vinculadas por meio do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. A partir da linha de pesquisa, é construída a identidade investigativa do grupo de

pesquisa, a qual influencia na formação e posterior atuação de mestres e doutores.

Então, esse é um papel importante do grupo também, diversificar e ampliar todas as metodologias que forem possíveis. Não fugindo, lógico, da área de concentração, não fugindo da linha de pesquisa, sempre procurando ter a linha como um fio condutor, eu acho que a tendência é só a gente ir crescendo e melhorando e fortalecendo cada vez mais o grupo. (P09)

Em virtude desse alinhamento, há uma preocupação dos docentes em associar os interesses de pesquisa dos seus orientandos aos seus macroprojetos. Quanto aos discentes, há uma consciência de que seu tema de pesquisa deve estar inserido em um contexto maior de uma linha de pesquisa do orientador.

Eu procuro acatar o que o aluno traz de interesse, que emergiu da vontade dele, do questionamento dele em fazer tal estudo. Claro, mas eu vejo se está dentro do meu macro, que não é bem um macro físico como hoje está-se propondo, é dentro disso que está aqui. (P08)

A linha de pesquisa também influencia na captação de financiamento, nas publicações e na demanda de participantes. Haja vista que algumas áreas são de maior interesse na ciência, as demais encontram dificuldades em se manter. Em decorrência deste fato, os pesquisadores vinculados a estas áreas, consideradas não prioritárias, realmente têm interesse pela temática.

Então, como o nosso grupo é de uma linha de pesquisa que não é hegemônica, que eu considero que não é do modelo de saúde tradicional, que é uma linha muito excluída, não tem uma priorização na ciência. (P06)

O componente Ação e interação é formado por três categorias e sustentado por dez subcategorias estabelecidas a partir das condições. Essas relações movimentam o fenômeno.

Na primeira categoria, “**Desenvolvendo estratégias de gestão do conhecimento**”, a primeira subcategoria, “Estratégias de integração”, envolve as estratégias de orientação e de integração dos participantes do grupo de pesquisa. Em relação à orientação, os discentes com maior nível de formação acadêmica, com supervisão do orientador, acompanham os discentes de um nível de formação acadêmica abaixo do seu. Outra estratégia é o compartilhamento de alimentos em momentos de pausa para mediar a integração. Essas estratégias são entendidas como essenciais para a consolidação do GP.

O doutorando que acompanha o mestrando, o mestrando que acompanha o graduando, e fazemos uma roda-viva e a coisa tem que render, e não é só um projeto, tem que rodar nesta dinâmica. (P03)

Embora sejam utilizadas algumas estratégias, os participantes sugeriram o incremento de novas ações, como grupos de debates e estudo de casos, para propiciar a integração.

Eu acho que teria que realmente ter grupos de debates, estudo de casos, ou artigos, ou de uma temática, sentar e discutir. Talvez isso faça com que o grupo interaja entre os professores e entre os alunos [...] (P12)

Na segunda subcategoria, “Estratégias de difusão e socialização do conhecimento”, foram citadas atividades voltadas para o ensino e para a pesquisa e extensão. No ensino, são ministradas disciplinas voltadas para a área de estudo do grupo. Além disso, os alunos de graduação levam para a sala de aula os conhecimentos aprendidos no grupo, o que fortalece a discussão.

E isso eu também acho bastante positivo. Então, o fato de você ter disciplinas vinculadas ao tema que o grupo desenvolve traz as demandas dos alunos, traz os novos olhares da teoria, traz essa atualização constante. (P01)

Nas estratégias de socialização de conhecimento para a pesquisa e extensão, foram citados: café científico para discussão de temas de atualização da prática assistencial; socialização do andamento da pesquisa; discussão de temas de interesse dos membros; grupos de

elaboração de artigos científicos; instrumentalização metodológica; instrumentalização teórica; organização de eventos científicos; apresentação de trabalhos para disseminação do conhecimento; e, sistematização das ideias para a concretude em ações.

Usamos muito o *brainstorming* durante os assuntos, inclusive assuntos que não são relacionados ao projeto de que eu participo, eles pedem muito a opinião de projetos que estão acontecendo com outros acadêmicos ou com outros professores ali do grupo, sempre tem essa troca de ideias, eles valorizam bastante. (P18)

A terceira subcategoria, “Estratégias organizacionais”, demonstrou o envolvimento de todos na organização das atividades, desde a construção do cronograma, o planejamento das atividades, até a avaliação dos resultados alcançados. Assim, desenvolvem reuniões, elaboração de atas, *booklet* dos projetos operantes e o regimento interno do grupo para regulamentar as ações.

Estabelecemos um cronograma de temas no final do ano para o ano seguinte. E desse cronograma de atividades todos participam, então é feito dentro do próprio grupo. Levamos um esboço sempre, pra começar com alguma ideia, e depois o grupo vai ajustando aquilo que fizemos. (P02)

Outra estratégia é a alocação dos participantes em grupos de trabalho para dividir as atividades de cada um e manter o funcionamento do grupo de pesquisa. Estes grupos de trabalho são responsáveis por atividades científicas, infraestrutura, atividades de integração, atividades de articulação com entidades de classe da enfermagem, atividades de *marketing* e divulgação, atividades de captação de recursos, participação em eventos e cooperação nacional e internacional.

Dividimos em alguns grupos, e o trabalho está andando com mais fluxo. Por exemplo, tem as meninas que procuram eventos científicos e divulgam, e tem uma planilha que elas vão atualizando no *drive*, vamos acessando e olhando. Tem o grupo que organiza as festas, as confraternizações, que tem que ter. Tem o grupo mais científico, quem quer publicar, onde vai

publicar, como vai publicar, quem vai ser autor. Tem de organização de conselho de base, o que a gente poderia fazer junto ao COREN, junto a ABEN, coisas assim. (P16)

Na quarta subcategoria, “Utilizando tecnologias da informação e comunicação”, os participantes mencionaram o uso das tecnologias como o *e-mail* e o Whatsapp como uma estratégia de comunicação. Como estratégias de visibilidade, são utilizados *site*, Facebook e Instagram.

Revitalizamos a página do Facebook e criamos a conta do Instagram. Muitos criticam a utilização das redes sociais num sentido mais de explicitação da vida privada. Quando penso no papel da universidade e da democratização do conhecimento, penso que devemos compartilhar mais o que acontece no ambiente acadêmico. Quantos amigos nossos não sabem das teses e dissertações em que trabalhamos, ou ainda acham que estudar é uma tarefa fácil, não sendo entendido como trabalho. Então penso que utilizar as redes sociais é uma forma de dar visibilidade para o nosso fazer, dialogando com ferramentas mais contemporâneas. E isso conecta pessoas. (P13)

Temos um grupo de Whatsapp também, é interessante isso, não tem mensagens desnecessárias, mas sabemos quando alguém apresentou trabalho em eventos, por exemplo. Acho que depende da cooperação e participação de todo o grupo para acertar e afinar essa comunicação. (P16)

A segunda categoria, “**Estabelecendo convênios e parcerias nacionais e internacionais**”, sustentada pela primeira subcategoria, “Estabelecendo parcerias”, evidencia a interação entre os membros da mesma instituição, mas também a interação com outras instituições e grupos de pesquisa que trabalham o mesmo tema no país, muitos destes referência na área de estudo.

Eu acho que dentro do grupo tem bastante parceria e isso também é bem positivo. Tem o mestrando que está trabalhando com determinado assunto, que

o doutorando também trabalha, então convida para participar da banca. Esse doutorando, ele vai contribuir, posteriormente eles vão produzir juntos e eu acho isso muito produtivo. (P12)

Nós temos parcerias entre os professores do grupo, neste momento eu estou usando um referencial teórico em uma das teses que é muito utilizado por outra professora, e ela ajuda, participa da banca, nos ajudou a instrumentalizar teoricamente. Então é bem interessante, eu gosto muito. (P05)

Na segunda subcategoria, “Estimulando atividades de internacionalização”, foi mencionado pelos participantes o estímulo ao doutorado sanduíche, às publicações com autores internacionais, à participação em congressos e visitas ao exterior. Além de enviarem pesquisadores para atividades de internacionalização, recebem pesquisadores para os mesmos fins.

Na política de internacionalização estimulamos a apresentação de trabalhos em eventos internacionais, doutorado sanduíche, produção científica qualificada com o orientador, estímulo à produção A1. E temos recebido professores estrangeiros que vêm conhecer o nosso trabalho, vêm falar do trabalho deles, fazer uma troca. (P09)

Na terceira categoria, “**Gerindo o grupo de pesquisa com o coletivo**”, a primeira subcategoria, “Construindo vínculo para além do contexto acadêmico”, apontou a importância da construção de laços para além do contexto acadêmico. Como muitos vêm de outras cidades e não têm uma rede de apoio local, os colegas do grupo de pesquisa tornam-se as pessoas mais próximas. Assim, os participantes do grupo de pesquisa aproximam-se por uma questão de trabalho e levam essas relações para a vida pessoal.

Além do contato profissional gerado nesse grupo, acreditamos muito na humanização e amorosidade e procuramos nos importar com o colega como um todo e não só como um membro de pesquisa, como um amigo. (P15)

O grupo é uma porta de entrada para nós, pesquisadores. É lá que fazemos uma interação mais íntima, mais próxima, dos colegas e com o orientador. É fundamental isso para o desenvolvimento da pesquisa. E nesses grupos de pesquisa temos bastante crescimento. É realmente cheio de amorosidade e interação. (P15)

Você chama alguém para fazer alguma coisa contigo, e dali nasce a amizade, que pode ser uma amizade só de trabalho ou pode ser pra vida mesmo. (P16)

Na segunda subcategoria, “Reconhecendo a importância da liderança no grupo de pesquisa”, constatou-se a liderança como o norte, são as pessoas que conduzem, organizam e articulam, são docentes visionários e idealizadores.

Acho que a liderança é o que dá o tônus do grupo, assim como eu penso que o tônus de uma unidade de saúde tem a ver com seu gerente. (P01)

Eu acho que tem que ter uma visão ampliada até do que a gente quer alcançar, acho que tem que ter uma organização muito boa, ter noção de tudo que está acontecendo, controlar isso para poder até pedir, olhar e ver onde é que está a dúvida ou o que que está precisando aprimorar. (P07)

Embora a liderança tenha sido destacada como importante em um GP, na terceira subcategoria, “Trabalhando em equipe”, os participantes reconheceram uma gestão participativa, em que todos conseguiam expressar suas opiniões para aprimorar o processo de gestão.

Vejo um processo de gestão compartilhado, em que todo mundo, dentro das possibilidades, participa dentro daquilo em que tem mais interesse. E aí a vamos organizando isso nos momentos que temos junto no grupo. (P13)

Em um grupo que se entende dialógico, propositivo, em que se precisa ser crítico, então eu percebo que esse também é o meu papel. Então eu entendo que é uma função minha dentro do grupo,

eu não posso esperar que a líder do grupo, ou a vice-líder ou as outras pesquisadoras tragam isso pronto e só se fique esperando. (P13)

A liderança, ela abrange você ter a compreensão do todo do grupo, mas são todos líderes, são todos pesquisadores fortes que, com certeza, só enriquecem o nosso grupo. Eu não trabalho sozinha, aliás, a única coisa que eu faço é não trabalhar sozinha, nós trabalhamos em grupo. (P05)

O componente Consequência é formado por duas categorias e cinco subcategorias as quais expressam os resultados provenientes do componente ação e interação para evidenciar o fenômeno.

Na categoria **“Contribuindo para o desenvolvimento teórico, científico e tecnológico da profissão”**, a primeira subcategoria, **“Abrangendo diferentes referenciais teórico-metodológicos”**, evidencia o uso de diversas abordagens de pesquisa, entre elas, qualitativa, quantitativa e métodos mistos. Quanto aos referenciais teóricos, os grupos adotam diferentes referenciais de acordo com a temática da pesquisa.

Eu trabalho muito com pesquisa qualitativa, mas eu me interesso por pesquisas quantitativas também. Eu acho que esse é um papel fundamental do grupo, ele tem que ampliar o conhecimento, mas também metodologias de trabalho. (P09)

Na segunda subcategoria, **“Colaborando para a inovação do conhecimento científico”**, foi atribuído o desenvolvimento de tecnologias e inovações à elaboração de dissertações e teses, bem como publicações inovadoras para a ciência. Apesar de já desenvolverem ações neste sentido, ainda é emergente a preocupação com o avanço da ciência.

Hoje trabalhamos com tecnologias educativas, que é uma vertente de estratégias pedagógicas, que auxiliam no desenvolvimento do estudante. [...] Hoje estamos com uma linha também da tecnologia bem forte dentro do grupo, cruzando educação com tecnologia, que eu acho que é o *“boom”* do momento. (P15)

A pesquisa, no nosso país, ela é colocada sempre de uma forma subliminar em tudo. A educação no

país é colocada de uma forma subliminar. Então a sensação que se tem, às vezes, é que não se está avançando, mas, quando paramos, olha tudo o que estamos fazendo, quanta transformação já se fez na vida das pessoas mesmo, no processo de ensino e aprendizagem. Percebemos que ali está o resultado de todo o nosso trabalho. (P10)

Na terceira subcategoria, “Formando profissionais para atuar na docência”, foi abordada a formação de profissionais qualificados de todo o Brasil para atuarem na saúde e enfermagem, com algumas iniciativas como o Mestrado e o Doutorado Interinstitucional.

Destes anos todos que eu acompanho o grupo, eu percebo que ele tem uma inserção no ensino do país muito boa. E, com relação às pesquisas, às teses e dissertações, ele também é um grupo muito abrangente, já teve pessoas que participaram como orientandos aqui do Brasil todo. E isso acaba semeando algumas questões em todo o Brasil. (P10)

Na segunda categoria, “**Dando retorno à sociedade por meio de ações de extensão**”, na primeira subcategoria, “Atendendo às necessidades de saúde da população”, os integrantes relataram a preocupação de atender às demandas de pesquisa da sociedade e promover melhorias e inovações voltadas para a saúde da população.

O objetivo do grupo é estudar, é ter extensão, servir à sociedade, é melhorar o atendimento a uma área específica. (P07)

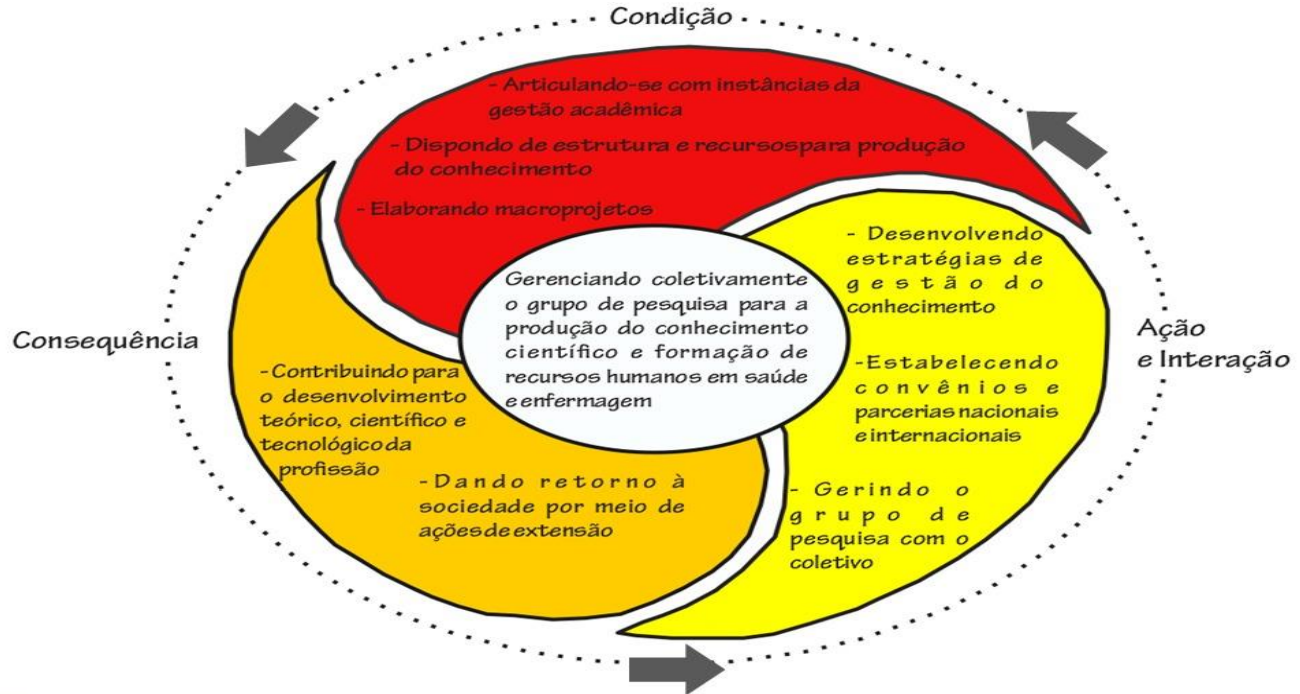
A pesquisa precisa ter um retorno social, então a pessoa, para além de ela querer pesquisar, investigar, ela precisa querer que isso volte para sua comunidade em forma de ações para melhoria dessa comunidade. (P10)

A segunda subcategoria, “Desenvolvendo ações de extensão”, demonstrou os projetos de extensão voltados para o atendimento de determinada situação de saúde na sociedade, proporcionando um retorno,

um retorno social, e reafirmando o compromisso dos grupos de pesquisa com o coletivo.

A Figura 1 apresenta a conexão entre as categorias, as subcategorias e evidencia o fenômeno. As categorias apresentadas nos componentes condição e ação-interação foram destacadas com cores primárias, que sugerem a base do fenômeno. Quando essas duas cores (vermelho e amarelo) se difundem, surge uma cor secundária (laranja), que representa a consequência dessa difusão. Em outras palavras, as condições, ações e interações são vitais para gerar as consequências, e os três componentes juntos movimentam o fenômeno. Por isso, o pontilhado e as flechas em volta sugerem a ideia de movimento.

Figura 1 – Modelo teórico de gestão de grupos de pesquisa



Fonte: Elaborado pelos autores.

DISCUSSÃO

De modo semelhante ao evidenciado nesta pesquisa, um estudo sobre excelência dos grupos de pesquisa apontou a necessidade de prover infraestrutura física, dispor de recursos financeiros e humanos, de acordo com as linhas de pesquisa e objetivos de estudo, para atingir as metas almejadas. Uma infraestrutura adequada favorece aos pesquisadores os processos de organização, indispensáveis para a gestão das atividades (ERDMANN et al., 2013).

Além da infraestrutura, as estratégias de gestão do conhecimento podem ser relacionadas com melhores práticas em grupos de pesquisa. Dentre as estratégias de difusão e socialização do conhecimento, a socialização dos projetos de pesquisa, com o intuito de discutir o andamento do estudo, propicia uma prática relacionada à conversão de conhecimento tácito-tácito. Outra estratégia de socialização do conhecimento é a organização e apresentação de trabalhos em eventos, prática mais comum em grupos de pesquisa que propicia a troca de informações no modelo de conversão tácito-tácito, mas há também a externalização com o conhecimento explícito-tácito (LIMA; AMARAL, 2008).

Antes de seguir para as próximas estratégias, cabe aqui diferenciar os conceitos de conhecimento explícito e conhecimento tácito. O primeiro é o conhecimento matemático, codificado, articulado e armazenado de maneira que pode ser acessado em rede de compartilhamento. Enquanto que o conhecimento tácito é oriundo de experiências particulares, esse tipo de conhecimento é difícil de ser articulado e armazenado, é transmitido de modo informal em contatos pessoais (FÁTIMA; NASTASI JUNIOR; LIMA JUNIOR, 2015).

Entre as estratégias organizacionais, a realização de reuniões e a junção dos participantes em grupos de trabalho também são evidenciadas na literatura como melhores práticas em grupos de pesquisa. A formação de grupos de trabalho com os mesmos interesses amplia a busca e o compartilhamento do conhecimento na modalidade tácito-tácito ou socialização. Embora os grupos de pesquisa disponham dessas estratégias, podem ampliar suas técnicas, como, por exemplo, com cadastro de documentos para divulgação de artigos, teses, apresentações, ou seja, um repositório que armazena os principais trabalhos vitais para a socialização do conhecimento na área de estudo (LIMA; AMARAL, 2008).

Ademais, desenvolvem outras estratégias pouco exploradas na literatura com associação a grupos de pesquisa, como, por exemplo, o

acompanhamento de discentes de maior nível de formação acadêmica para com os discentes de menor formação, como uma prática de orientação e integração dos discentes. Entre as estratégias de socialização não se encontram descritas na literatura o *brainstorming* e a sistematização das ideias. E entre as estratégias organizacionais, o *booklet* e o regimento interno do grupo não são práticas comuns entre os grupos de pesquisa.

Quanto ao estabelecimento de convênios e parcerias nacionais e internacionais, um estudo realizado em quatro universidades norueguesas, com o intuito de verificar a colaboração em rede de grupos de pesquisa, identificou que na área da saúde apenas 7% das pesquisas tinham sido desenvolvidas isoladamente; 5%, em rede internacional; 11% contavam com colaboração informal; 16%, com nenhuma das alternativas; 19%, com grupo de pesquisa formal/informal e uma rede internacional; e 42%, com grupo de pesquisa formal.

O estudo concluiu que membros de grupos com participação em redes internacionais de pesquisa podem aumentar a produtividade e a qualidade das publicações. Todavia, esta deve ser uma estratégia complementar e não a única adotada pelos pesquisadores (KYVIK; REYMERT, 2017).

Nessa perspectiva, há iniciativas na literatura que visam formar uma forte rede de parceria entre os pesquisadores e as partes interessadas da comunidade (pacientes, organizações comunitárias, profissionais, formuladores de políticas), trabalhando de forma colaborativa no desenvolvimento da pesquisa. Entretanto, esses processos são complexos e exigem principalmente o estabelecimento de parcerias duradouras e o comprometimento de todos os participantes. Essa estratégia pode contribuir para o desenvolvimento de pesquisas bem-sucedidas, representando um impacto para todos os participantes (HOEKSTRA et al., 2018).

Com relação à gestão, esse tema vem passando por transformações ao longo dos anos, com uma tendência de mudança nos moldes de gestão de pessoas em organizações. Com o desenvolvimento tecnológico associado à busca por maior qualidade e produtividade, os processos de organização tendem a adotar modelos mais flexíveis e possibilitar o compartilhamento da tomada de decisão (VERBREE et al., 2015).

Nesse contexto, surge um novo conceito de “administrar com pessoas”, significa incorporar esses parceiros internos na gestão das organizações, ou seja, consiste em uma mudança na forma de perceber as pessoas. Tornam-se sujeitos ativos e fundamentais nos processos de tomada de decisões, com ações visando à criação de inovação e

possibilitando o exercício do conhecimento (RIBEIRO, 2012). Embora esses conceitos estejam vinculados principalmente à forma de organização de empresas do setor produtivo, podem facilmente ser associados à gestão de pessoas em grupos de pesquisa.

A gestão com pessoas é uma aliada para o alcance dos objetivos das instituições. As pessoas deixam de ser vistas como recursos humanos e passam a ser vistas como parceiras, considerando a sua história e a sua personalidade. Afinal, são elas quem mantêm as organizações, trabalham, lideram, agem, executam e aprimoram as suas atividades (RIBEIRO, 2012).

Para que ocorram maior integração e aproximação dos pesquisadores para desenvolver suas atividades em conjunto, a construção de vínculos para além do contexto acadêmico é tida como um dos processos de gestão. Esta estratégia é considerada boa prática para a gestão do conhecimento em grupos de pesquisa e consiste nos momentos fora do grupo de pesquisa e do local de trabalho, o que favorece a socialização por conversão tácito-tácito (LIMA; AMARAL, 2008).

Assim como exposto nos resultados sobre o papel do líder nos grupos de pesquisa, corroboram os achados da literatura ao evidenciarem a liderança com um papel de situar o grupo no contexto social e científico para obter visibilidade, legitimidade e reputação. A atuação do líder como pesquisador altamente comprometido impacta em um melhor desempenho nas pesquisas dos grupos, haja vista que esses profissionais propiciam os meios organizacionais adequados para os demais pesquisadores.

Com relação às contribuições para o desenvolvimento teórico, científico e tecnológico da profissão, um estudo realizado em cenário semelhante demonstrou que a formação dos enfermeiros nesses espaços fortalece tanto o ensino quanto a pesquisa e, conseqüentemente, à área assistencial. As produções científicas, forte característica da formação acadêmica, dão maior visibilidade à profissão e edificam suas práticas, melhorando a qualidade e tornando-a mais reflexiva e inovadora. Além disso, promovem aperfeiçoamento dos enfermeiros e propagam o conhecimento científico (SILVA et al., 2017).

Na série histórica o programa de pós-graduação em enfermagem atuou com parceiras interinstitucionais pelo país, ademais, titulóu profissionais pela fronteira ibero-americana e ainda conta com a parceria de instituições do mundo todo para intercâmbio durante a formação (BACKES; BRÜGGEMANN, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades de pesquisa no contexto acadêmico estão vinculadas a grupos de pesquisa, que necessitam de recursos humanos, materiais e financeiros para desenvolver seus estudos. Essas condições pedem estratégias de gestão e interações nacionais e internacionais nos grupos de pesquisa que resultam em desenvolvimento teórico, científico e tecnológico da profissão e retorno social. Além disso, a gestão dos grupos de pesquisa ocorre de forma compartilhada entre os participantes.

Os grupos desenvolvem estratégias de gestão do conhecimento como: socialização dos projetos de pesquisa, apresentação de trabalhos em eventos, reuniões, grupos de trabalho, estabelecimento de parcerias e gestão com pessoas, consideradas boas práticas para grupos de pesquisa. Além disso, foi evidenciado o emprego de práticas como *brainstorming*, *booklet* e o regimento interno, ainda pouco exploradas na literatura nesse cenário de estudo.

Como limitação, pontua-se que os resultados apresentados retratam o contexto de grupos de pesquisa vinculados a um Programa de Pós-Graduação específico, sendo necessárias novas investigações em outros cenários a fim de ampliar a compreensão do fenômeno investigado.

REFERÊNCIAS

BACKES, Vânia Marli Schubert; BRÜGGEMANN, Odaléa Maria. The Post Graduate Program in Nursing of the Federal University of Santa Catarina: 40 Years Contributing to the Excellence in Education. **Texto & Contexto - Enfermagem**, Florianópolis, v. 25, n. 2, p.01-02, jul. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-0707201600452editorial>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072016000200201&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 22 out. 2018.

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. **Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil**. Brasília: Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, 2017. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/web/dgp>>. Acesso em: 05 mai. 2018.

COOK, Isabelle; GRANGE, Sam; EYRE-WALKER, Adam. Research groups: How big should they be?. **PeerJ**, v. 3, p.989, 9 jun. 2015. **PeerJ**.

<http://dx.doi.org/10.7717/peerj.989>. Disponível em:
<<https://peerj.com/articles/989/>>. Acesso em: 19 out. 2018.

CORBIN, Juliet; STRAUSS, Anselm. **Basics of qualitative research: techniques and procedures for developing Grounded Theory**. California: SAGE, 2015.

FREITAS, Olival de Gusmão et al. Uma arquitetura para sistemas de gestão do conhecimento orientada a grupos de pesquisa e desenvolvimento. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 7, n. 1, p.126-144, mar. 2017. Disponível em:
<<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/pgc/article/view/33068/17296>>. Acesso em: 09 nov. 2018.

ERDMANN, Alacoque Lorenzini et al. Políticas, gerência e inovação de grupos de pesquisa para a excelência em enfermagem. **Aquichan**, Colômbia, v. 13, n. 1, p.92-103, abr. 2013. Disponível em:
<http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1657-59972013000100009>. Acesso em: 08 set 2018.

ERDMANN, Alacoque Lorenzini; PEITER, Caroline Cechinel; LANZONI, Gabriela Marcellino de Melo. Grupos de pesquisa em enfermagem no Brasil: comparação dos perfis de 2006 e 2016. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 38, n. 2, p.1-7, 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2017.02.69051>. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v38n2/0102-6933-rgenf-1983-144720170269051.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2018.

FÁTIMA, Aline Cristina de; NASTASI JUNIOR, Edmilsson; LIMA JUNIOR, Francisco Rodrigues. Uma ferramenta para avaliação do nível de maturidade da gestão do conhecimento organizacional. **Revista Eletrônica Gestão & Saúde**, Brasília, v. 6, n. 2, p.873-890, abr. 2015. <http://dx.doi.org/10.18673/gs.v1i1.22606>. Disponível em:
<<http://periodicos.unb.br/index.php/rgs/article/view/22606>>. Acesso em: 19 out. 2018.

HOEKSTRA, Femke et al. Evaluating the impact of a network of research partnerships: a longitudinal multiple case study protocol. **Health Research Policy And Systems**, Si, v. 16, n. 1, p.1-11, nov. 2018. Disponível em:

<<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/30419902>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

KYVIK, Svein; REYMERT, Ingvild. Research collaboration in groups and networks: differences across academic fields. **Scientometrics**, v. 113, n. 2, p.951-967, 4 set. 2017. <http://dx.doi.org/10.1007/s11192-017-2497-5>. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s11192-017-2497-5>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

LIMA, Karina Kühn de; AMARAL, Daniel Capaldo. Práticas de gestão do conhecimento em grupos de pesquisa da rede Instituto Fábrica do Milênio. **Gestão & Produção**, v. 15, n. 2, p.291-305, ago. 2008. <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-530x2008000200007>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104530X2008000200007&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 17 out. 2018.

RIBEIRO, Antonio de Lima. **Gestão de pessoas**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2012. 320 p.

SILVA, Fábio José et al. A formação de pesquisadores na temática da saúde do trabalhador de enfermagem. **Enfermagem em Foco**, v. 8, n. 3, p.40-44, jun. 2017. Disponível em: <<http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/1322/397>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

VERBREE, Maaike et al. Organizational factors influencing scholarly performance: a multivariate study of biomedical research groups. **Scientometrics**, v. 102, n. 1, p.25-49, 23 set. 2014. <http://dx.doi.org/10.1007/s11192-014-1437-x>. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s11192-014-1437-x>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

5.2 MANUSCRITO 2: COMPETÊNCIAS GERENCIAIS DE PARTICIPANTES DE GRUPOS DE PESQUISA DE ENFERMAGEM

COMPETÊNCIAS GERENCIAIS DE PARTICIPANTES DE GRUPOS DE PESQUISA DE ENFERMAGEM

RESUMO

Objetivo. Identificar as competências gerenciais de participantes de grupos de pesquisa de Enfermagem. **Métodos.** Trata-se de um estudo correlacional, realizado com 219 participantes, membros de grupos de pesquisa vinculados a um Programa de Pós-Graduação em Enfermagem de uma universidade pública do Sul do Brasil. Utilizou-se a Escala de Competências Gerenciais em Grupos de Pesquisa. **Resultados.** Os indivíduos apresentaram maior suficiência para as competências referentes à gestão de pessoas e de resultados de pesquisa, com maior ocorrência e maior chance de apresentarem suficiência os participantes com elevada titulação acadêmica. As chances de apresentar competências gerenciais suficientes aumentaram com a idade, a experiência na pesquisa e participação no grupo de pesquisa. **Conclusão.** Os grupos de pesquisa desempenham um papel de destaque para o desenvolvimento de competências gerenciais, bem como para a formação de pesquisadores capacitados para essas competências.

Palavras-chave: Universidades; Grupos de pesquisa; Competências gerenciais; Educação em Enfermagem; Organização e Administração.

INTRODUÇÃO

As competências gerenciais são comportamentos que podem ser observados ou desenvolvidos e expressos por meio de conhecimentos, habilidades e atitudes. Para além disso, é a sinergia entre esses fatores ao gerar melhores resultados que influencia não só para o indivíduo, mas estende-se a equipes e organizações, de acordo com os recursos disponíveis e a estratégia utilizada (FREITAS, ODELIUS, 2017).

Para além de competência técnica, podem ser desenvolvidas e estimuladas múltiplas dimensões de habilidades, como o aspecto comportamental; o trabalho em equipe; a experiência em laboratórios; a criatividade; reconhecer o outro, com o intuito de capacitar discentes para os múltiplos papéis a serem desenvolvidos por ele na sociedade (COLOMBO, 2013).

Nessa conjuntura, a atuação de docentes pesquisadores e pesquisadores em formação em grupos de pesquisa pauta-se no uso de

múltiplas competências, a depender do trabalho desenvolvido naquele momento. Tendo a intenção de atender às ações requeridas de um investigador, cada pesquisador lança mão de estratégias consideradas adequadas para aquela etapa.

Essas competências estão voltadas para o atendimento das demandas inerentes ao trabalho de um investigador, são elas: planejar o processo de pesquisa desde a sua concepção até a disseminação dos resultados; debater temas referentes à pesquisa com membros do grupo; desenvolver ações voltadas para o grupo de pesquisa; gestão de recursos humanos; gestão dos processos; captar financiamento; estabelecer parcerias, entre outras (FREITAS, ODELIUS, 2017).

As atividades acadêmicas desenvolvidas por docentes da área da saúde sofreram alterações significativas ao longo dos anos, ao vivenciarem mudanças no sistema educacional, no sistema de saúde e na sociedade. Foram exigidas dos docentes do ensino superior competências que fazem deles pesquisadores de sucesso, clínicos produtivos, administradores competentes e líderes acadêmicos. A instrumentalização para o alcance destas características e para atingir as mudanças necessárias ocorreu pelo desenvolvimento do corpo docente (BAKER, et al., 2018).

Estudos anteriores sobre GPs em enfermagem focalizaram: o perfil dos grupos de pesquisa em enfermagem (ERDMANN; PEITER; LANZONI, 2017); políticas, gerência e inovação de grupos de pesquisa para a excelência em enfermagem (ERDMANN et al., 2013); a funcionalidade dos grupos de pesquisa de gestão em enfermagem (ERDMANN et al., 2010); as interações em grupos de pesquisa de gestão em enfermagem (MELLO et al., 2009); os grupos de pesquisa em educação em enfermagem (SCHVEITZER et al., 2012); as características dos grupos de pesquisa em feridas (OLIVEIRA et al., 2013); a experiência de bolsista de iniciação científica em grupos de pesquisa (ERDMANN et al., 2010). Entretanto, na literatura não foram evidenciados estudos referentes a competências gerenciais de membros de grupos de pesquisa em enfermagem, e este fato justifica a relevância deste estudo.

O presente estudo teve como objetivo identificar as competências gerenciais de participantes de grupos de pesquisa vinculados a um Programa de Pós-Graduação em Enfermagem.

MÉTODO

Trata-se de um estudo correlacional de natureza quantitativa, realizado com participantes de grupos de pesquisa vinculados a um Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Enfermagem de uma universidade pública do Sul do Brasil. A coleta de dados foi realizada durante as reuniões dos 14 grupos de pesquisa, no período de junho a setembro de 2018.

A amostra foi do tipo não probabilística, por conveniência, composta por 219 participantes, membros dos grupos de pesquisa. Os critérios de inclusão foram: integrantes atuantes nos grupos de pesquisa, sem estipular um tempo mínimo. Foram excluídos da amostra os participantes que estavam em licença e/ou afastamento de qualquer natureza, no período da coleta de dados.

Os dados foram coletados por meio de questionário com duas partes: 1) Dados sociodemográficos (idade, sexo, formação, nível de escolaridade, atuação no grupo, tempo de experiência com pesquisa e tempo de participação no grupo de pesquisa); e 2) Escala de Competências Gerenciais, desenvolvida e validada para uso no Brasil por Freitas e Odelius (2017).

A Escala de Competências Gerenciais em GP é composta por 50 itens, e em cada um deles o participante assinala apenas uma opção de acordo com a sua participação no grupo de pesquisa. Foi utilizada uma escala Likert expressa de 0 a 5, em que 0 representava nenhum domínio; 5, domínio completo; e NA, competência gerencial não aplicada a grupo de pesquisa. A escala avalia e está dividida em dois fatores: 1 – Gestão de pessoas e de resultados de pesquisa; e 2 – Captação de recursos e de pessoas (FREITAS; ODELIUS, 2017).

O fator 1 tem 41 itens e avalia a capacidade de organização e orientação para o desenvolvimento das etapas da pesquisa, estabelecendo prazos, organizando reuniões, capacitando quanto a temas relacionados à pesquisa, para o alcance dos objetivos propostos. Além disso, referente à gestão de pessoas, este fator avalia a capacidade de motivação, estímulo à comunicação e respeito ao tempo de cada um. O fator 2 tem nove itens e avalia a competência para estabelecer parcerias, entre empresas e pesquisadores, e avalia a capacidade para buscar e administrar recursos (financeiros e humanos).

A escala apresenta uma análise própria dos dados, com variáveis dicotômicas referentes aos itens da escala para o grau de domínio de competências gerenciais. As respostas 0, 1, 2 e 3 foram consideradas

como domínio insuficiente e as respostas 4 e 5, como domínio suficiente (FREITAS; ODELIUS, 2016).

Os dados coletados foram tabulados no Microsoft® Office Excel e, posteriormente, exportados para o IBM SPSS® Statistics 20, para análise estatística descritiva e inferencial.

Para todas as variáveis foram efetuadas análises descritivas. Para as variáveis quantitativas verificou-se a diferença de médias (desvio padrão) de competências gerenciais de acordo com a natureza das exposições, por meio do *Teste t de Student*. Para as variáveis qualitativas calculou-se a proporção, a diferença entre a ocorrência das competências gerenciais para as variáveis independentes, por meio do teste Exato de Fischer ou Qui-Quadrado. Foram consideradas estatisticamente significativas as variáveis que apresentaram valor de $p \leq 0,05$ na análise bivariada. A análise bruta foi realizada por meio de regressão logística e foi estimada a *Odds Ratio* (OR) bruta, com seus respectivos Intervalos de Confiança (IC95%).

Em relação aos aspectos éticos, foi atendido o disposto na Resolução n° 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde (CNS). O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, com o Parecer de número 2.595.322 e Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) 81636317.0.0000.0121. Aqueles que aceitaram participar do estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)[.]

RESULTADOS

A Tabela 1 apresenta o perfil sociodemográfico dos participantes de grupos de pesquisa. As variáveis que apresentaram maior proporção foram sexo feminino (89,5%), mestrado completo (25,5%), formação em enfermagem (96,3%), idade entre 26 e 35 anos (35,8%) e atuação no grupo como mestrando/doutorando (40,2%). Além disso, a média de idade foi de 33,21 anos ($\pm 10,36$), com experiência em pesquisa de 8,06 anos ($\pm 7,50$) e tempo de atuação média no grupo de pesquisa de 4,18 anos ($\pm 5,72$).

Tabela 1 – Perfil sociodemográfico dos participantes do estudo. Florianópolis, 2018

Participantes dos grupos de pesquisa (n=219)		
Variáveis	n (%)	MA* ± DP**
Sexo (n=219)		
Feminino	196 (89,5)	
Masculino	23 (10,5)	
Escolaridade (n=216)		
Ensino médio	53 (24,5)	
Ensino superior completo	28 (13,0)	
Especialização completa	40 (18,5)	
Mestrado completo	55 (25,5)	
Doutorado completo	26 (12,0)	
Pós-doutorado	14 (6,5)	
Formação (n=214)		
Outras	8 (3,7)	
Enfermagem	206 (96,3)	
Grupo etário (n=218)		
Até 25 anos	65 (29,8)	
26 a 35 anos	78 (35,8)	
36 a 45 anos	47 (21,6)	
46 a 55 anos	18 (8,3)	
56 anos ou mais	10 (4,6)	
Atuação no grupo (n=219)		
Líder/pesquisador/professor	37 (16,9)	
Mestrado/Doutorado	88 (40,2)	
Graduação	58 (26,5)	
Demais participantes	31 (14,2)	
Residência	3 (1,4)	

Pós-doutorado	2 (0,9)	
Idade (anos)	218	33,215±10,36
Experiência com pesquisa (anos)	211	8,06±7,50
Participação no grupo de pesquisa (anos)	219	4,18±5,72

*MA = Média Aritmética, **DP = Desvio Padrão

Fonte: elaborado pelos autores.

A Tabela 2 apresenta os participantes insuficientes/suficientes em relação aos fatores e às competências gerenciais em grupos de pesquisa. Identificou-se maior número de suficientes para o fator 1 – Gestão de pessoas e de resultados de pesquisa.

Tabela 2 – Participantes insuficientes/suficientes para o fator 1, fator 2 e para as competências (n=219). Florianópolis, 2018

	N	%
Fator 1 – Gestão de pessoas e de resultados de pesquisa		
Insuficiente	112	51,14
Suficiente	107	48,86
Fator 2 – Captação de recursos e de pessoas		
Insuficiente	147	67,12
Suficiente	72	32,88
Competências gerenciais em grupos de pesquisa		
Insuficiente	120	54,79
Suficiente	99	41,21

Fonte: elaborado pelos autores.

Na Tabela 3, apresenta-se a associação entre as variáveis sociodemográficas e as competências gerenciais em grupos de pesquisa. Obteve-se diferença significativa nas proporções das competências gerenciais para escolaridade, grupo etário e atuação no grupo. Além disso, houve diferença na média de idade, tempo de experiência com pesquisa e participação no grupo de pesquisa entre os participantes suficientes e insuficientes para as competências gerenciais.

Tabela 3 – Associação entre as variáveis sociodemográficas e as competências gerenciais em grupos de pesquisa. Florianópolis, 2018

	Insuficiente		Suficiente		P valor
	n	%	n	%	
Sexo					0,478
Feminino	109	90,83	87	87,88	
Masculino	11	9,17	12	12,12	
Escolaridade					≤0,0 01
Ensino médio	41	34,75	12	12,24	
Ensino superior	15	12,71	13	13,27	
Especialização	28	23,73	12	12,24	
Mestrado	30	25,42	25	25,51	
Doutorado	3	2,54	23	23,47	
Pós-doutorado	1	0,85	13	13,57	
Formação					0,787
Outras	4	3,42	4	4,12	
Enfermagem	113	96,58	93	95,88	
Grupo etário					≤0,0 01
Até 25 anos	46	38,66	19	19,19	
26 a 35 anos	47	39,5	31	31,31	
36 a 45 anos	22	18,49	25	25,25	
46 a 55 anos	4	3,36	14	14,14	
56 anos ou mais	0	0	10	10,1	
Atuação no grupo					≤0,0 01
Graduação	43	36,13	13	13,13	
Mest./dout./res.*	54	45,38	40	40,4	
Prof./líder/pós- doc.**	4	3,36	33	33,33	
Demais participantes	18	15,13	13	13,13	

Em anos	N	MA	N	MA (DP)	
		(DP)		(DP)	
		29,95		37,13	≤0,0
Idade	119	(7,45)	99	(11,92)	01
Experiência		5,21		11,68	≤0,0
pesquisa	118	(4,62)	93	(8,80)	01
Participação		2,32		6,44	≤0,0
grupo	120	(2,80)	99	(7,33)	01

*Mestrado/doutorado/residência; **Professores/líderes/pós-doutores.

Fonte: elaborado pelos autores.

Na análise bruta, em relação à maior chance de apresentar competências gerenciais suficientes, os indivíduos que tinham ensino superior completo tiveram 2,96 (IC95%: 1,11-7,90); com mestrado completo, 2,84 (IC95%: 1,24-6,55); com doutorado completo, 26,19 (IC95%: 6,69-102,49); com pós-doutorado completo, 44,41 (IC95%: 5,26-374,98) mais chances, quando comparados aos participantes com ensino médio. Quanto ao grupo etário, os participantes com idade entre 36 e 45 anos tiveram 2,75 (IC95%: 1,26-6,02) e os com idade entre 46 e 55 anos, 8,47 (IC95%: 2,47-2,08) mais chances de apresentar competências gerenciais suficientes, quando comparados com indivíduos de até 25 anos. Na atuação no grupo de pesquisa, discentes de mestrado, doutorado e residência tiveram 2,45 (IC95%: 1,65-5,15); os professores, líderes e pós-doutorandos, 27,29 (IC95%: 8,14-91,42) mais chances de apresentar competências gerenciais suficientes, quando comparados com alunos de graduação.

Os dados mostraram um aumento de 8% (OR:1,08; IC95%: 1,04-1,11) na chance de apresentarem competências gerenciais suficientes para cada ano de aumento de idade. Em relação ao tempo de experiência com pesquisa, aumenta 16% (OR:1,16; IC95%: 1,10-1,23) a chance de apresentarem competências gerenciais suficientes a cada ano de experiência com pesquisa. Ao participar de grupo de pesquisa, a chance de apresentarem competências gerenciais suficientes aumenta 18% (OR:1,18; IC95%: 1,10-1,27) ao ano.

Tabela 4 - Análise bruta em relação aos fatores associados às competências gerenciais. Florianópolis, 2018

	Suficiente		P
	OR	IC 95%	valor
Sexo			0,479
Feminino	1		
Masculino	1,37	0,57-3,25	
Escolaridade			≤0,001
Ensino médio	1		
Ensino superior	2,96	1,11-7,90	
Especialização	1,46	0,57,3,72	
Mestrado	2,84	1,24-6,55	
Doutorado	26,19	6,69-102,49	
Pós-doutorado	44,41	5,26-374,98	
Formação			0,787
Outras	1		
Enfermagem	0,82	0,20-3,38	
Grupo etário			≤0,001
Até 25 anos	1		
26 a 35 anos	1,59	0,79-3,22	
36 a 45 anos	2,75	1,26-6,02	
46 a 55 anos	8,47	2,47-2,08	
56 anos ou mais	-		
Atuação no grupo			≤0,001
Graduação	1		
Mestrado/doutorado/residência	2,45	1,65-5,15	
Professores/líderes/pós-doutorado	27,29	8,14-91,42	
Demais participantes	2,39	0,93-6,15	
Idade (anos)	1,08	1,04-1,11	≤0,001
Experiência com pesquisa (anos)	1,16	1,10-1,23	≤0,001
Participação no grupo de pesquisa (anos)	1,18	1,10-1,27	≤0,001

Fonte: elaborado pelos autores.

DISCUSSÃO

Os resultados evidenciam alto percentual de mulheres inseridas em grupos de pesquisa de um programa de pós-graduação em enfermagem. Esses dados corroboram com os números de currículos de enfermeiros doutores cadastrados na Plataforma Lattes, com a maioria do sexo feminino (CNPq, 2016). Esse fato também pode estar relacionado à predominância de mulheres na profissão.

Dentre os dois fatores expressos na escala, os participantes demonstraram maior grau de suficiência para o fator 1, referente à gestão de pessoas e de resultados de pesquisa. Nesse âmbito, a administração e o gerenciamento são algumas das competências gerais previstas nas Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em enfermagem, as quais pormenorizam a aptidão de enfermeiros para a liderança e a gestão das equipes de saúde. Em decorrência dessa característica da formação, voltada para a administração e o gerenciamento, os enfermeiros aplicam os conhecimentos nos mais diversos cenários, neste caso, em grupos de pesquisa (VIEIRA et al., 2016).

Além disso, este fato também pode ser decorrente das características das pesquisas em enfermagem, majoritariamente qualitativas (POLIZELI et al., 2017). As metodologias qualitativas contam com o envolvimento e o trabalho em equipe para o desenvolvimento das pesquisas, assim, cabe aos enfermeiros docentes gerenciar as pessoas envolvidas para o encadeamento dos processos de estudo.

Por outro lado, embora este seja o fator que atingiu o maior número de participantes suficientes, é importante que enfermeiros docentes aprimorem suas competências referentes ao fator de captação de recursos e de pessoas. A busca por financiamento, formação de parceria com pesquisadores e empresas e a captação de novos integrantes podem auxiliar no desenvolvimento de pesquisas mais robustas e na busca por excelência na área de conhecimento do grupo de pesquisa.

Com relação às competências gerenciais suficientes, constatou-se maior ocorrência nos participantes com titulação de mestrado e doutorado. Os mestres e doutores já passaram pela pós-graduação na modalidade *stricto sensu* em enfermagem, a qual contribui para a formação docente ao viabilizar o desenvolvimento de competências didáticas, habilidade para formar novos pesquisadores e para gerenciar projetos de pesquisa (ERDMANN et al., 2013).

Os resultados evidenciaram que professores, líderes e pós-doutores têm mais chances de apresentar competências gerenciais suficientes em comparação com alunos da graduação, o menor nível educacional entre os participantes do estudo. O professor do ensino superior, em decorrência da sua atuação como docente, pesquisador e gestor, exerce em cada um destes âmbitos diferentes competências, pois uma única não abrange as especificidades exigidas por cada uma destas três frentes de atuação (BARBOSA; MENDONÇA; CASSUNDÉ, 2016). O fato de ser estimulado a exercer essas competências na sua prática diária pode ter influenciado na maior chance de apresentar competências gerenciais suficientes em comparação a alunos que não vivenciaram essas experiências ainda.

Assim, é esperada dos docentes a mobilização de competências profissionais diferenciadas, entre elas, as competências gerenciais para buscar a eficiência e a eficácia da gestão organizacional, por resultados de pesquisa e extensão e pela aprendizagem do aluno. Nessa perspectiva, docentes associam experiências anteriores, a sua trajetória acadêmica e até mesmo a sua trajetória de vida como justificativas que permeiam o seu repertório de competências (BARBOSA; MENDONÇA; CASSUNDÉ, 2016).

Estudo com especialistas internacionais, sobre as competências essenciais de docentes da área da saúde, destacou a competência para a pesquisa como a competência mais esperada dos professores. Esta competência foi citada como uma das mais importantes pelas exigências requeridas dos docentes, como: flexibilidade, compreensão da complexidade das universidades formadoras na área da saúde e experiência pedagógica experimental. Para tanto, esses requisitos são compreendidos pelos docentes ao desenvolver pesquisas científicas, que exigem a articulação destes conhecimentos (MOYNIHAN et al., 2015).

Uma estratégia descrita na literatura pode auxiliar enfermeiros docentes a desenvolver competências para alavancar suas carreiras, bem como a liderança em pesquisa de enfermagem. O “*mentoring*” pode ser realizado de forma individual ou em grupo e consiste na orientação de pesquisadores experientes a pesquisadores iniciantes, por meio da transmissão de informação e apoio com vistas ao desenvolvimento profissional. Estudo sobre “*mentoring*” na literatura evidenciou influências positivas desta prática nas questões relacionadas à produtividade em pesquisa, como: conhecimento, financiamento, colaboração e publicações. Esta estratégia, além de propiciar o desenvolvimento da carreira de pesquisa, a liderança e aumento dos salários, teve repercussões nas relações de trabalho, na saúde e no bem-

estar de enfermeiros docentes (HAFSTEINSDÓTTIR; ZWAAG; SCHUURMANS, 2017).

Embora os pesquisadores atuantes no grupo com maior formação (professores, líderes e pós-doutores) tenham mais chances de apresentar competências gerenciais suficientes, o estímulo a competências, quando realizado durante o período de formação profissional, aponta melhores resultados futuros. Os profissionais que adquiriram conhecimentos, para além da sua função, apresentam maior capacidade de inovação e conhecimento aplicado a outras áreas (CUSTÓDIO; FERREIRA; MATOS, 2017).

Destacou-se nos resultados do estudo a quantidade de alunos de graduação inseridos em grupos de pesquisa. O contato com grupos de pesquisa ainda na graduação repercute positivamente na formação de enfermeiros críticos e conhecedores da pesquisa. A inserção em grupos de pesquisa possibilita ao discente de graduação a interação com alunos e docentes da pós-graduação, a aproximação em projetos de pesquisa, iniciação científica e monitoria. Essa maior aproximação com a pesquisa ainda na graduação reflete em conhecimento da pós-graduação *stricto sensu* e, conseqüentemente, na facilidade para o ingresso nessa modalidade de formação. Ainda durante a graduação ocorre a aproximação com a construção de projeto de pesquisa, publicação de artigos, leitura e disciplina (FERREIRA et al., 2015).

Todavia, o número representativo de alunos de graduação neste estudo pode refletir nos resultados em relação à insuficiência/suficiência das competências gerenciais, visto que há uma tendência ascendente destas habilidades ao longo da profissão. Enquanto na graduação 15% dos farmacêuticos relataram alto grau de competências gerenciais, depois de formados 57% apresentaram alto grau de competências gerenciais, as quais foram desenvolvidas ao longo de suas carreiras (MOSPAN et al., 2017).

Os dados também indicaram mais chances de constatar competências gerenciais suficientes em participantes de 46 a 55 anos, em relação aos indivíduos de até 25 anos. De modo semelhante, estudo realizado em empresas norte-americanas constatou que aquelas mais bem-sucedidas são criadas por fundadores com idade acima de 45 anos. O desempenho do empreendedor aumenta acentuadamente com a idade, em virtude da experiência adquirida ao longo dos anos (AZOULAY et al., 2018).

A cada ano de participação no grupo de pesquisa aumenta em 18% a probabilidade de ter competências gerenciais suficientes. O grupo de pesquisa propicia o pensamento crítico, instiga seus membros a refletir

sobre a práxis em enfermagem e os seus diversos contextos, ao relacionar as vivências práticas aos conhecimentos da universidade. Essa experiência favorece o desenvolvimento de competências pessoais e profissionais aos membros de grupo de pesquisa (AZEVEDO et al., 2018). Além disso, o processo de formação, nos espaços dos grupos de pesquisa, propicia discussões aprofundadas sobre referenciais teórico-metodológicos e epistemologia, elencadas como uma das estratégias que pode, inclusive, impulsionar a divulgação do conhecimento científico da enfermagem em âmbito internacional (SCOCHI et al., 2014).

Dessa forma, os grupos de pesquisa e a pós-graduação constituem-se como importantes cenários para o desenvolvimento de competências gerenciais. Dos 168 farmacêuticos participantes de um estudo realizado nos Estados Unidos, 53% deles citaram a formação na pós-graduação como um facilitador para auxiliar no desenvolvimento de competências gerenciais (MOSPAN et al., 2017).

CONCLUSÃO

As competências gerenciais de participantes de grupos de pesquisa na enfermagem estão vinculadas principalmente à gestão de pessoas e de resultados de pesquisa. Quanto às competências gerenciais suficientes, constataram-se maior ocorrência e maior chance de apresentar suficiência nos participantes com maior titulação acadêmica.

No tocante ao desenvolvimento dessas competências, constatou-se que a chance de apresentar competências gerenciais suficientes aumenta com o tempo de participação no grupo de pesquisa, com a experiência em pesquisa e com a idade.

Por isso, destaca-se o papel desempenhado pelos grupos de pesquisa para o desenvolvimento de competências gerenciais, já que por meio dele são vinculadas as atividades que propiciam aos pesquisadores o exercício destas habilidades. Embora nem sempre o processo de aprendizagem de competências esteja explícito dentro das ações de pesquisadores e do grupo de pesquisa, sugere-se a sistematização desse conhecimento com vistas a potencializar a formação.

O estudo apresentou limitações quanto à população e amostra. A população em questão foi composta, em sua grande maioria, pelo sexo feminino, o que dificulta o estabelecimento de padrões estatísticos e a análise dos dados comparativos entre os sexos e outras variáveis. Os resultados expressam as competências individuais de participantes de grupos de pesquisa. Nesse sentido, ainda precisa-se discutir quanto às competências gerenciais organizacionais, a partir das definições de

competências dos grupos e instituições, com acompanhamento e avaliação das mesmas, usando, por exemplo, um modelo de gestão por competências e/ou ferramentas como o mapeamento de competências.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Isabelle Campos de et al. Importância do grupo de pesquisa na formação do estudante de enfermagem. **Revista de Enfermagem da Ufsm**, Santa Maria, v. 8, n. 2, p.390-398, 29 jun. 2018.

<http://dx.doi.org/10.5902/2179769226003>. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/26003/pdf>>. Acesso em: 18 out. 2018.

AZOULAY, Pierre et al. The average age of a successful startup founder is 45. **Harvard Business Review**, Watertown, v. 0, n. 0, p.1-5, jul. 2018. Disponível em: <<https://hbr.org/2018/07/research-the-average-age-of-a-successful-startup-founder-is-45>>. Acesso em: 17 out. 2018.

BAKER, Lindsay et al. Exploring Faculty Developers' Experiences to Inform Our Understanding of Competence in Faculty

Development. **Academic Medicine**, v. 93, n. 2, p.265-273, fev. 2018.

<http://dx.doi.org/10.1097/acm.0000000000001821>. Disponível em:

<<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5794230/>>. Acesso em: 03 nov. 2018.

BARBOSA, Milka Alves Correia; MENDONÇA, José Ricardo Costa de; CASSUNDÉ, Fernanda Roda de Souza Araújo. Competências Gerenciais (esperadas versus percebidas) de Professores-gestores de Instituições Federais de Ensino Superior: percepções dos professores de uma universidade federal. **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 17, n. 3, p.439-473, 31 dez. 2016.

<http://dx.doi.org/10.13058/raep.2016.v17n3.344>. Disponível em:

<<https://raep.emnuvens.com.br/raep/article/view/344>>. Acesso em: 16 out. 2018.

CNPQ. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. **Dados abertos**. 2016. Disponível em:

<<http://estatico.cnpq.br/painelLattes/>>. Acesso em: 16 out. 2018.

ERDMANN, Alacoque Lorenzini et al. Funcionalidade dos grupos de pesquisa de administração/gestão/ gerência de enfermagem. **Revista**

Rene, Fortaleza, v. 11, n. 2, p.19-26, jun. 2010. Disponível em:
<<http://www.periodicos.ufc.br/rene/article/viewFile/4511/3405>>.
Acesso em: 02 nov. 2018.

ERDMANN, Alacoque Lorenzini et al. Políticas, gerência e inovação de grupos de pesquisa para a excelência em enfermagem. **Aquichan**, Colômbia, v. 13, n. 1, p.92-103, abr. 2013. Disponível em:
<http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1657-59972013000100009>. Acesso em: 08 maio 2018.

ERDMANN, Alacoque Lorenzini et al. Vislumbrando o significado da iniciação científica a partir do graduando de enfermagem. **Escola Anna Nery - Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p.26-32, mar. 2010. <http://dx.doi.org/10.1590/s1414-81452010000100005>. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452010000100005>. Acesso em: 02 nov. 2018.

ERDMANN, Alacoque Lorenzini; PEITER, Caroline Cechinel; LANZONI, Gabriela Marcellino de Melo. Grupos de pesquisa em enfermagem no Brasil: comparação dos perfis de 2006 e 2016. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 38, n. 2, p.1-7, jul. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2017.02.69051>. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v38n2/0102-6933-rgenf-1983-144720170269051.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

FERREIRA, Rejane Eleuterio et al. Motivação do enfermeiro para ingressar em uma pós-graduação stricto sensu. **Revista Baiana de Enfermagem**, Salvador, v. 29, n. 2, p.180-185, jun. 2015. Disponível em:
<https://portalseer.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/10738/pdf_129>. Acesso em: 24 out. 2018.

FREITAS, Pablo Fernando Pessoa de; ODELIUS, Catarina Cecília. Escala de Competências Gerenciais em Grupos de Pesquisa. **Revista de Administração Faces Journal**, v. 16, n. 4, p.45-65, 27 dez. 2017. <http://dx.doi.org/10.21714/1984-6975faces2017v16n4art4134>. Disponível em:
<<http://www.fumec.br/revistas/facesp/article/view/4134/2982>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

HAFSTEINSDÓTTIR, Thóra B.; ZWAAG, Angeli M. van Der; SCHUURMANS, Marieke J.. Leadership mentoring in nursing research, career development and scholarly productivity: A systematic review. **International Journal Of Nursing Studies**, v. 75, p.21-34, out. 2017. <http://dx.doi.org/10.1016/j.ijnurstu.2017.07.004>. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0020748917301463>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

MELLO, Ana Lúcia Schaefer Ferreira de et al. Sistema de cuidados em enfermagem e saúde: as interações vivenciadas nos grupos de pesquisa. **Ciência, Cuidado e Saúde**, v. 8, n. 4, p.111-112, 31 dez. 2009. <http://dx.doi.org/10.4025/cienccuidsaude.v8i4.8368>. Disponível em: <<http://eduem.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/viewFile/8368/5402>>. Acesso em: 01 nov. 2018.

MENDONÇA, José Ricardo Costa de et al. Competências Profissionais de Professores do Ensino Superior no Brasil: proposta de um modelo integrado. In: **Fórum da gestão do ensino superior nos países e regiões de língua portuguesa**, 2., 2012, Macau: Instituto Politécnico de Macau, 2012.

MOSPAN, Cortney M. et al. Managerial skills of new practitioner pharmacists within community practice. **Journal Of The American Pharmacists Association**, v. 57, n. 3, p.265-269, maio 2017. <http://dx.doi.org/10.1016/j.japh.2017.03.003>. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1544319117301334>>. Acesso em: 27 ago. 2018.

MOYNIHAN, Sharon et al. Teacher Competencies in Health Education: Results of a Delphi Study. **Plos One**, v. 10, n. 12, p.0143703-12312, 2 dez. 2015. <http://dx.doi.org/10.1371/journal.pone.0143703>. Disponível em: <<https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0143703>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

OLIVEIRA, Beatriz Guitton Renaud Baptista et al. Grupos de pesquisa em feridas cadastrados no Brasil: um estudo transversal. **Brazilian Journal Of Nursing**, v. 12, n. 2, jan. 2013. Disponível em: <http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/3988/html_2>. Acesso em: 01 nov. 2018.

POLIZELI, Luana Villas Boas et al. Caracterização e impacto dos projetos de pesquisa em saúde encaminhados a um conselho municipal de avaliação em pesquisa. **Revista de Enfermagem do Centro-oeste Mineiro**, v. 7, p.1-8, 19 abr. 2017.

<http://dx.doi.org/10.19175/recom.v7i0.1149>. Disponível em:
<<http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/1149/1304>>. Acesso em: 05 nov. 2018.

SCHVEITZER, Mariana Cabral et al. Grupos de pesquisa em educação em Enfermagem: linhas de pesquisa e produção científica em três regiões do Brasil. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 2, n. 65, p.332-338, abr. 2012. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/reben/v65n2/v65n2a20.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

SCOCHI, Carmen Gracinda Silvan et al. The challenges and strategies from graduate programs in nursing for the dissemination of scientific production at international journals. **Escola Anna Nery - Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p.5-6, 2014.

<http://dx.doi.org/10.5935/1414-8145.20140001>. Disponível em:
<<http://www.redalyc.org/pdf/1277/127730129001.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2018.

VIEIRA, Maria Aparecida et al. Diretrizes Curriculares Nacionais para a área da enfermagem: o papel das competências na formação do enfermeiro. **Revista Norte Mineira de Enfermagem**, Montes Claros, v. 5, n. 1, p.105-121, 2016. Disponível em:

<<http://www.renome.unimontes.br/index.php/renome/article/view/102/148>>. Acesso em: 23 out. 2018.

CUSTÓDIO, Cláudia; FERREIRA, Miguel A.; MATOS, Pedro. Do General Managerial Skills Spur Innovation? **Management Science**, p.01-08, 25 set. 2017. <http://dx.doi.org/10.1287/mnsc.2017.2828>.

Disponível em:
<<https://pubsonline.informs.org/doi/abs/10.1287/mnsc.2017.2828>>. Acesso em: 27 ago. 2018.

COLOMBO, Sonia Simões. **Gestão Universitária: Os caminhos para a excelência**. Porto Alegre: Penso, 2013. 263 p.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo atingiu os objetivos propostos ao elaborar um modelo teórico de gestão de grupos de pesquisa e evidenciar as competências gerenciais de participantes de grupos de pesquisa de um programa de pós-graduação em enfermagem.

As atividades de pesquisa estão vinculadas a grupos de pesquisa, que necessitam de recursos humanos, materiais e financeiros para desenvolver seus estudos. Essas condições pedem estratégias de gestão e interações nacionais e internacionais nos grupos de pesquisa que resultam em desenvolvimento teórico, científico e tecnológico da profissão e retorno social. Os grupos de pesquisa desempenham um papel de destaque para o desenvolvimento de competências gerenciais, bem como para a formação de pesquisadores capacitados para essas competências.

A identificação das competências gerenciais dos participantes de grupos de pesquisa favorece os processos de gestão, na medida em que aponta o fator em que os indivíduos apresentam maior grau de suficiência e os fatores que podem ser mais bem explorados para propiciar o desenvolvimento de competências gerenciais.

O estudo quantitativo apresentou limitações quanto à população e amostra. A população em questão foi composta, em sua grande maioria, pelo sexo feminino, o que dificulta o estabelecimento de padrões estatísticos e a análise dos dados comparativos entre os sexos e outras variáveis. Os resultados expressam as competências individuais de participantes de grupos de pesquisa. Nesse sentido, ainda precisa-se discutir quanto às competências gerenciais organizacionais, a partir das definições de competências dos grupos e instituições, com acompanhamento e avaliação das mesmas, usando, por exemplo, um modelo de gestão por competências e/ou ferramentas como o mapeamento de competências.

Em relação ao estudo qualitativo, os resultados apresentados retratam o contexto de grupos de pesquisa vinculados a um Programa de Pós-Graduação específico, sendo necessárias novas investigações em outros cenários a fim de ampliar a compreensão do fenômeno investigado.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Isabelle Campos de et al. Importância do grupo de pesquisa na formação do estudante de enfermagem. **Revista de Enfermagem da Ufsm**, Santa Maria, v. 8, n. 2, p.390-398, 29 jun. 2018.

<http://dx.doi.org/10.5902/2179769226003>. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/26003/pdf>>. Acesso em: 18 out. 2018.

AZOULAY, Pierre et al. The average age of a successful startup founder is 45. **Harvard Business Review**, Watertown, v. 0, n. 0, p.1-5, jul. 2018. Disponível em: <<https://hbr.org/2018/07/research-the-average-age-of-a-successful-startup-founder-is-45>>. Acesso em: 17 out. 2018.

BACKES, Vânia Marli Schubert; BRÜGGEMANN, Odaléa Maria. The Post Graduate Program in Nursing of the Federal University of Santa Catarina: 40 Years Contributing to the Excellence in Education. **Texto & Contexto - Enfermagem**, Florianópolis, v. 25, n. 2, p.01-02, jul. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-0707201600452editorial>.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072016000200201&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 22 out. 2018.

BAKER, Lindsay et al. Exploring Faculty Developers' Experiences to Inform Our Understanding of Competence in Faculty Development. **Academic Medicine**, v. 93, n. 2, p.265-273, fev. 2018. <http://dx.doi.org/10.1097/acm.0000000000001821>. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5794230/>>. Acesso em: 03 nov. 2018.

BARBOSA, Milka Alves Correia; MENDONÇA, José Ricardo Costa de; CASSUNDÉ, Fernanda Roda de Souza Araújo. Competências Gerenciais (esperadas versus percebidas) de Professores-gestores de Instituições Federais de Ensino Superior: percepções dos professores de uma universidade federal. **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 17, n. 3, p.439-473, 31 dez. 2016.

<http://dx.doi.org/10.13058/raep.2016.v17n3.344>. Disponível em:

<<https://raep.emnuvens.com.br/raep/article/view/344>>. Acesso em: 16 out. 2018.

BRASIL. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. **Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil**. Súmula Estatística. 2018. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/web/dgp/por-grande-area1>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, 5 out 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 26 nov. 2018.

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. **Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil**. Brasília: Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, 2017. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/web/dgp>>. Acesso em: 05 mai. 2018.

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. **Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil. Súmula estatística**. Brasília: Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, 2016. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/web/dgp/sobre>>. Acesso em: 05 mai. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Diretoria de Avaliação. **Documento de Área: Área 20 – Enfermagem**. 2016. ed. Brasília: Ministério da Educação, 2016. 45 p. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/documentos/Documentos_de_area_20_17/20_enfe_docarea_2016.pdf>. Acesso em: 05 mai. 2018.

CANEVER, Bruna Pedroso et al. Characterization of research groups in nursing education in the state of são paulo. **Texto & Contexto - Enfermagem**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p.21-28, mar. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-07072014000100003>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072014000100021&script=sci_arttext&tIng=pt>. Acesso em: 17 out. 2018.

CNPQ. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. **Dados abertos**. 2016. Disponível em: <<http://estatico.cnpq.br/painelLattes/>>. Acesso em: 16 out. 2018.

CNPQ. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. **Diretório dos Grupos de Pesquisa**. Brasília, 2016. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/web/dgp>>. Acesso em: 27 nov. 2018

COLOMBO, Sonia Simões. **Gestão Universitária: Os caminhos para a excelência**. Porto Alegre: Penso, 2013. 263 p.

COOK, Isabelle; GRANGE, Sam; EYRE-WALKER, Adam. Research groups: How big should they be?. **PeerJ**, v. 3, p.989, 9 jun. 2015. **PeerJ**. <http://dx.doi.org/10.7717/peerj.989>. Disponível em: <<https://peerj.com/articles/989/>>. Acesso em: 19 out. 2018.

CORBIN, Juliet; STRAUSS, Anselm. **Basics of qualitative research: techniques and procedures for developing Grounded Theory**. California: SAGE, 2015.

CUSTÓDIO, Cláudia; FERREIRA, Miguel A.; MATOS, Pedro. Do General Managerial Skills Spur Innovation? **Management Science**, p.01-08, 25 set. 2017. <http://dx.doi.org/10.1287/mnsc.2017.2828>. Disponível em: <<https://pubsonline.informs.org/doi/abs/10.1287/mnsc.2017.2828>>. Acesso em: 27 ago. 2018.

DALKIR, Kimiz. **Knowledge management in theory and practice**. Boston: Elsevier, 2005.

DIAS SOBRINHO, José. Universidade fraturada: reflexões sobre conhecimento e responsabilidade social. **Avaliação da Educação Superior**, Campinas, v. 20, n. 3, p.581-601, nov. 2015. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/2191/219142567002/>>. Acesso em: 26 nov. 2018.

DRUCKER, Peter F. e outros. **Aprendizagem Organizacional**. São Paulo: Campus, 1990.

ERDMANN, Alacoque Lorenzini et al. Funcionalidade dos grupos de pesquisa de administração/gestão/ gerência de enfermagem. **Revista Rene**, Fortaleza, v. 11, n. 2, p.19-26, jun. 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/rene/article/viewFile/4511/3405>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

ERDMANN, Alacoque Lorenzini et al. Políticas, gerência e inovação de grupos de pesquisa para a excelência em enfermagem. **Aquichan**, Colômbia, v. 13, n. 1, p.92-103, abr. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1657-59972013000100009>. Acesso em: 08 set 2018.

ERDMANN, Alacoque Lorenzini; PEITER, Caroline Cechinel; LANZONI, Gabriela Marcellino de Melo. Grupos de pesquisa em enfermagem no Brasil: comparação dos perfis de 2006 e 2016. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 38, n. 2, p.1-7, 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2017.02.69051>. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v38n2/0102-6933-rgenf-1983-144720170269051.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2018.

ERDMANN, Alacoque Lorenzini et al. Vislumbrando o significado da iniciação científica a partir do graduando de enfermagem. **Escola Anna Nery - Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p.26-32, mar. 2010. <http://dx.doi.org/10.1590/s1414-81452010000100005>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452010000100005>. Acesso em: 02 nov. 2018.

FÁTIMA, Aline Cristina de; NASTASI JUNIOR, Edmilsson; LIMA JUNIOR, Francisco Rodrigues. Uma ferramenta para avaliação do nível de maturidade da gestão do conhecimento organizacional. **Revista Eletrônica Gestão & Saúde**, Brasília, v. 6, n. 2, p.873-890, abr. 2015. <http://dx.doi.org/10.18673/gs.v1i1.22606>. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/rgs/article/view/22606>>. Acesso em: 19 out. 2018.

FERREIRA, Rejane Eleuterio et al. Motivação do enfermeiro para ingressar em uma pós-graduação stricto sensu. **Revista Baiana de Enfermagem**, Salvador, v. 29, n. 2, p.180-185, jun. 2015. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/10738/pdf_129>. Acesso em: 24 out. 2018.

FREITAS, Olival de Gusmão et al. Uma arquitetura para sistemas de gestão do conhecimento orientada a grupos de pesquisa e desenvolvimento. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João

Pessoa, v. 7, n. 1, p.126-144, mar. 2017. Disponível em:
<<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/pgc/article/view/33068/17296>>. Acesso em: 09 nov. 2018.

FREITAS, Pablo Fernando Pessoa de; ODELIUS, Catarina Cecília. Escala de Competências Gerenciais em Grupos de Pesquisa. **Revista de Administração Faces Journal**, v. 16, n. 4, p.45-65, 27 dez. 2017. <http://dx.doi.org/10.21714/1984-6975faces2017v16n4art4134>. Disponível em:
<<http://www.fumec.br/revistas/facesp/article/view/4134/2982>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

HAFSTEINSDÓTTIR, Thóra B.; ZWAAG, Angeli M. van Der; SCHUURMANS, Marieke J.. Leadership mentoring in nursing research, career development and scholarly productivity: A systematic review. **International Journal Of Nursing Studies**, v. 75, p.21-34, out. 2017. <http://dx.doi.org/10.1016/j.ijnurstu.2017.07.004>. Disponível em:
<<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0020748917301463>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

HENRIQUE, Ana; NEVES, Carla; PESQUITA, Idália. Estudos correlacionais e estudos causal-comparativos. **Metodologia da Investigação I**. 2005. Disponível em: <
<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/ichagas/mi1/t1textoestcorrelacionais.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2018

HOEKSTRA, Femke et al. Evaluating the impact of a network of research partnerships: a longitudinal multiple case study protocol. **Health Research Policy And Systems**, v. 16, n. 1, p.1-11, nov. 2018. Disponível em:
<<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/30419902>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

KYVIK, Svein; REYMERT, Ingvild. Research collaboration in groups and networks: differences across academic fields. **Scientometrics**, v. 113, n. 2, p.951-967, 4 set. 2017. <http://dx.doi.org/10.1007/s11192-017-2497-5>. Disponível em:
<<https://link.springer.com/article/10.1007/s11192-017-2497-5>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

LEITE, Fernando César Lima; COSTA, Sely Maria de Souza. Gestão do conhecimento científico: proposta de um modelo conceitual com base em processos de comunicação científica. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 36, n. 1, p.92-107, abr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652007000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17 out. 2018.

LIMA, Karina Kühl de; AMARAL, Daniel Capaldo. Práticas de gestão do conhecimento em grupos de pesquisa da rede Instituto Fábrica do Milênio. **Gestão & Produção**, v. 15, n. 2, p.291-305, ago. 2008. <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-530x2008000200007>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104530X2008000200007&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 17 out. 2018.

MELLO, Ana Lúcia Schaefer Ferreira de et al. Sistema de cuidados em enfermagem e saúde: as interações vivenciadas nos grupos de pesquisa. **Ciência, Cuidado e Saúde**, v. 8, n. 4, p.111-112, 31 dez. 2009. <http://dx.doi.org/10.4025/cienccuidsaude.v8i4.8368>. Disponível em: <<http://eduem.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/viewFile/8368/5402>>. Acesso em: 01 nov. 2018.

MENDONÇA, José Ricardo Costa de et al. Competências Profissionais de Professores do Ensino Superior no Brasil: proposta de um modelo integrado. In: **Fórum da gestão do ensino superior nos países e regiões de língua portuguesa**, 2. ed, 2012, Macau: Instituto Politécnico de Macau, 2012.

MOSPAN, Cortney M. et al. Managerial skills of new practitioner pharmacists within community practice. **Journal Of The American Pharmacists Association**, v. 57, n. 3, p.265-269, maio 2017. <http://dx.doi.org/10.1016/j.japh.2017.03.003>. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1544319117301334>>. Acesso em: 27 ago. 2018.

MUYLDER, Cristiana Fernandes et al. Práticas de gestão do conhecimento e indicadores de geração da inovação. **International Journal Of Knowledge Engineering And Management**, Florianópolis, v. 3, n. 7, p.153-170, nov. 2014. Disponível em:

<<http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/IJKEM/article/view/3166/3777>>. Acesso em: 13 out. 2018.

MOYNIHAN, Sharon et al. Teacher Competencies in Health Education: Results of a Delphi Study. **Plos One**, v. 10, n. 12, p.0143703-12312, 2 dez. 2015. <http://dx.doi.org/10.1371/journal.pone.0143703>. Disponível em: <<https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0143703>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

NONAKA, Ikujiro; TAKEUCHI, Hirotaka. **Criação do conhecimento na empresa**: como as empresas japonesas geram a dinâmica da inovação. Rio de Janeiro: Campus, 1997. 358 p.

OLIVEIRA, Beatriz Guitton Renaud Baptista et al. Grupos de pesquisa em feridas cadastrados no Brasil: um estudo transversal. **Brazilian Journal Of Nursing**, v. 12, n. 2, jan. 2013. Disponível em: <http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/3988/html_2>. Acesso em: 01 nov. 2018.

PEREIRA, Vagner Ricardo de Araujo; HAYASHI, Carlos Roberto Massao. Comunidade de prática no ensino superior. **Revista Ibero-americana de Estudos em Educação**, v. 11, n. 1, p.204-222, 1 mar. 2016. <http://dx.doi.org/10.21723/riaee.2016.v11.n1.p204>. Disponível em: <<http://piwik.seer.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/8349>>. Acesso em: 18 out. 2018.

POLIZELI, Luana Villas Boas et al. Caracterização e impacto dos projetos de pesquisa em saúde encaminhados a um conselho municipal de avaliação em pesquisa. **Revista de Enfermagem do Centro-oeste Mineiro**, v. 7, p.1-8, 19 abr. 2017. <http://dx.doi.org/10.19175/recom.v7i0.1149>. Disponível em: <<http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/1149/1304>>. Acesso em: 05 nov. 2018.

RAGANOV, Patricia Bover et al. Journal Club: a group of research experience. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 71, n. 2, p.446-450, abr. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0539>.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v71n2/0034-7167-reben-71-02-0446.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2018.

RIBEIRO, Antonio de Lima. **Gestão de pessoas**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2012. 320 p.

SADE, Priscila Meyenberg Cunha; PERES, Aida Maris. Development of nursing management competencies: guidelines for continuous education services. **Revista da Escola de Enfermagem da Usp**, São Paulo, v. 49, n. 6, p.988-994, dez. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/s0080-62342015000600016>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342015000600988&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 25 nov. 2018.

SANTOS, Jose Luis Guedes dos et al. Methodological perspectives in the use of grounded theory in nursing and health research. **Escola Anna Nery - Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 03, p.01-08, jun. 2016. <http://dx.doi.org/10.5935/1414-8145.20160056>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452016000300201>. Acesso em: 24 out. 2018.

SCHVEITZER, Mariana Cabral et al. Grupos de pesquisa em educação em Enfermagem: linhas de pesquisa e produção científica em três regiões do Brasil. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 2, n. 65, p.332-338, abr. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v65n2/v65n2a20.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

SCOCHI, Carmen Gracinda Silvan et al. Pós-graduação Stricto Sensu em Enfermagem no Brasil: avanços e perspectivas. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 66, n. , p.80-89, set. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/s0034-71672013000700011>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672013000700011>. Acesso em: 25 nov. 2018.

SCOCHI, Carmen Gracinda Silvan et al. The challenges and strategies from graduate programs in nursing for the dissemination of scientific production at international journals. **Escola Anna Nery - Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p.5-6, 2014. <http://dx.doi.org/10.5935/1414-8145.20140001>. Disponível em:

<<http://www.redalyc.org/pdf/1277/127730129001.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2018.

SILVA, Fábio José et al. A formação de pesquisadores na temática da saúde do trabalhador de enfermagem. **Enfermagem em Foco**, v. 8, n. 3, p.40-44, jun. 2017. Disponível em:

<<http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/1322/397>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

SOBRINHO, José Dias. Universidade e novos modos de produção, circulação e aplicação do conhecimento. **Revista de Avaliação da Educação Superior**, nov. 2014. Disponível em:

<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=219132213007>>. Acesso em: 27 out. 2018.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**.

Tradução Luciane de oliveira da Rocha. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

VERBREE, Maaïke et al. Organizational factors influencing scholarly performance: a multivariate study of biomedical research groups. **Scientometrics**, v. 102, n. 1, p.25-49, 23 set. 2014.

<http://dx.doi.org/10.1007/s11192-014-1437-x>. Disponível em:

<<https://link.springer.com/article/10.1007/s11192-014-1437-x>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

VIEIRA, Maria Aparecida et al. Diretrizes Curriculares Nacionais para a área da enfermagem: o papel das competências na formação do enfermeiro. **Revista Norte Mineira de Enfermagem**, Montes Claros, v. 5, n. 1, p.105-121, 2016. Disponível em:

<<http://www.renome.unimontes.br/index.php/renome/article/view/102/148>>. Acesso em: 23 out. 2018.

APÊNDICES

APÊNDICE A – CARACTERIZAÇÃO DOS GRUPOS DE PESQUISA

Grupo	Situação	Form.	Atualização	Rede de pesquisa	Linhas	D/P	P D	P. G.	G .	N.A. F.	Téc.	C. Estrangeir	Inst. Parceira	Equip.	Software
C&C	OK	1993	06/2018	0	4	4	0	7	0	1	3	0	0	0	0
EDEN	OK	1992	04/2018	0	4	10		16	3	0	22	1 - Reino Unido	2	0	0
GEASS	OK	2009	12/2017	0	2	6	0	7	3	2	19	0	0	0	0
GEHCES	OK	1995	03/2018	4	6	24	0	7	2	0	6	1- Costa Rica	5	0	0
GEPADES	OK	1988	07/2018	0	5	18	1	22	3	9	0	1 - Peru	2	0	0
GEPESCA	OK	2010	10/2018	0	1	6	0	9	8	5	6	1 - Peru	3	0	0
GESPI	OK	1982	06/2018	1	2	7	0	11	3	5	4		5	0	0
GRUPESMUR	OK	2005	12/2017	0	4	14	0	6	3	9	0	0	1	0	0

Grupo	Situação	Form.	Atualização	Rede de pesquisa	Linhas	D/P	P/D	P.G.	G.	N.A.F.	Téc.	C. Estrangeiro	Inst. Parceira	Equip.	Software
LAPEPS	OK	1994	11/2018	0	1	9	0	4	1	3	3	0	2	0	0
LAPETEC/ GIATE	OK	1990	11/2018	1	4	5	0	12	1	4	8	0	2	0	0
NUCRON	OK	1987	11/2018	0	1	19	0	10	6	5	2	1 - México	4	0	1
NUPEQUIS- FAM-SC	OK	1993	06/2018	0	1	29	0	6	6	6	0	0	0	0	0
PRÁXIS	OK	1993	11/2018	1	6	8	1	16	3	19	1	0	10	0	1
(RE)HABILITAR	OK	2017	11/2018	0	2	9	0	3	3	4	1	1 - Portugal	1	0	0
LABTESP	OK	2018	08/2018	0	1	10	0	4	2	3	3	0	2	0	4

LEGENDA:

Form.	Formação
D/P	Docentes/Pesquisadores
PD	Pós-Doutorado
P.G.	Pós-Graduação (Doutorado, Mestrado Acadêmico, Mestrado Profissional e Especialização)
G.	Graduação
N.A.F.	Não há formação em andamento
Téc.	Técnico
C. Estrangeiro	Colaborador estrangeiro
Inst. Parceira	Instituição parceira
Equip.	Equipamento

Instituições parceiras:

EDEN	1- Conselho superior de ensino e pesquisa (CONSEP); 2- Universidade comunitária da região de Chapecó (UNOCHAPECO).
GEHCES	1- HU- UFSC; 2- Hospital Colônia Santa Teresa (HCST); 3- Hospital Colônia Santana (HCS); 4- Maternidade Carmela Dutra (MCD); 5- Hospital Nereu Ramos (HNR).
GEPADES	1- Fundo Estadual de Saúde do Estado de Santa Catarina (FESC/SC); 2- Fundo Municipal de Saude (FMS).
GEPESCA	1- Departamento de Enfermagem

	(UNIFESP); 2- Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (USP/EERP); 3- Escola de Enfermagem (UFMG).
GESPI	1- Reitoria UFPA; 2- Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia SBGG; 3- Reitoria UFMT; 4- ABEN/SC; 5- Secretaria Municipal da Saúde de Florianópolis.
GRUPESMUR	1- Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).
LAPEPS	1- University of Toronto (UTORONTO); 2- Universidad del Magdalena (UniMAGDALENA).
LAPETC/GIATE	1- Escola de Enfermagem UFRGS; 2- Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC).
NUCRON	1- Universidad de Guadalajara (UDG); 2- Faculdade de Medicina PORTO; 3- Unidades e Cursos de Graduação UFPEL; 4- Faculty of Nursing.
PRÁXIS	1- Universidade do Pará (UFPA); 2- Universidade Federal do Rio Grande (FURG); 3- Escola de enfermagem UFRGS; 4- Universidade de Brasília (UnB); 5- Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); 6- Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC); 7- Universite of Toronto (UTORONTO); 8- Université de Provence Aix Marseille I; 9- Universidade Estadual de Maringá (UEM); 10- Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).
RE(HABILITAR)	1- Escola Superior de Enfermagem do Porto - Pólo Cidade do Porto (ESEP).

LABTESP	1- University of Toronto UTORONTO; 2- Universidad del Magdalena (UniMAGDALENA).
----------------	---

Software:

NUCRON	NVIVO® 10
PRÁXIS	PRAXIS sistema de gestão de unidades de internação
LABTESP	1. Venoscópio NFR UFSC 2. SimMu 3. Telenfermagem 4. PrevMed

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Entrevista número:

Data:

Hora:

Local:

Dados profissionais:

1. Tempo de experiência como docente (anos): ____
2. Tempo de atuação na pós-graduação (anos): ____
3. Tempo de experiência no grupo de pesquisa (anos): ____
4. Tempo de experiência como líder/vice-líder no Grupo de pesquisa (anos): ____
5. Idade: ____

Questões:

Como é o funcionamento do grupo de pesquisa que você lidera?

Como ocorre a gestão do grupo de pesquisa que você lidera?

Quais significados você atribui a Gestão do Grupo de pesquisa?

O que é importante para a consolidação de um grupo de pesquisa?

Quanto à área substantiva do grupo impacta em suas estratégias de atuação?

Como é a relação do grupo de pesquisa com a pós-graduação?

Quais práticas de Gestão do Conhecimento são desenvolvidas pelo Grupo de pesquisa?

Como é para você liderar o grupo de pesquisa?

Quais características você elenca como indispensáveis para um líder de Grupo de pesquisa?

Tem mais alguma coisa que você gostaria de colocar?

**APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E
ESCLARECIDO ETAPA QUALITATIVA**



**CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Greici Capellari Fabrizzio juntamente com a Professora orientadora Dra. Alacoque Lorenzini Erdmann, estamos desenvolvendo a pesquisa intitulada “Gestão de Laboratórios e Grupos de pesquisa de um Programa de Pós-Graduação em Enfermagem”, que tem como objetivo geral “Compreender e elaborar um modelo teórico da gestão de Laboratórios e Grupos de pesquisa de um Programa de Pós-Graduação em Enfermagem de uma universidade pública brasileira”. Este projeto foi enviado ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humano da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH-UFSC) e aprovado sob o parecer nº2.595.322 e CAAE 81636317.0.0000.0121 em 12 de abril de 2017.

Gostaríamos de convidá-lo (a) a participar do referido estudo por meio deste termo de consentimento. Sua participação na pesquisa ocorrerá por meio de respostas a uma entrevista previamente agendada, que será áudio-gravada, com duração de aproximadamente 30 minutos. Posteriormente a entrevista será transcrita sem que você seja identificado (a) em qualquer momento do estudo.

Este estudo lhe trará como benefícios a disseminação do conhecimento sobre a gestão de grupos de pesquisa no âmbito acadêmico, a fim de fornecer maior visibilidade a forma de organização dos Laboratórios e Grupos de pesquisa na enfermagem.

Por outro lado, a sua participação nesta pesquisa poderá gerar riscos e desconfortos decorrentes da possibilidade de se sentir constrangimento durante a entrevista, por incômodo em falar ou, ainda, por mobilização emocional. Desta forma, os riscos serão minimizados, pois, não precisa responder a qualquer pergunta ou fornecer quaisquer

informações durante a entrevista se sentir-se desconfortável ou achar que a resposta trata-se de algo muito particular, contudo estamos dispostas a ouvi-los (as), interromper a entrevista se assim você desejar, retornando a coletar os dados sob sua anuência tão logo se sinta à vontade para continuá-la.

Os resultados deste trabalho mostrarão apenas os resultados como um todo, sem revelar seu nome ou qualquer informação relacionada à sua privacidade, e poderão ser apresentados em eventos ou periódicos científicos. O material coletado durante as entrevistas poderá ser consultado sempre que você desejar, mediante solicitação. Porém, acrescentamos que, apesar dos esforços e das providências necessárias tomadas pelos pesquisadores, sempre existe a remota possibilidade de quebra de sigilo, ainda que involuntária e não intencional.

A legislação brasileira não permite que você tenha qualquer compensação financeira pela sua participação em pesquisa, assim, você não terá nenhuma despesa advinda da sua participação.

Este documento está redigido em duas vias, assinado por você e pelo pesquisador responsável e cada um ficará com uma via.

Você tem a liberdade de se recusar a participar do estudo ou retirar o seu consentimento a qualquer momento após iniciada a pesquisa, visto que sua participação é voluntária. A recusa ou desistência da participação do estudo não implicará em nenhuma sanção, prejuízo, dano ou desconforto. Os aspectos éticos e a confidencialidade das informações fornecidas, relativos às pesquisas com seres humanos, serão respeitados de acordo com as diretrizes e normas regulamentadoras da Resolução N° 466, de 12 de dezembro de 2012, aprovada pelo Conselho Nacional de Saúde.

Estaremos disponíveis para quaisquer esclarecimentos no decorrer do estudo. Você poderá entrar em contato com a Profa. Orientadora Alacoque Lorenzini Erdmann pelo telefone (48) 99641-1875, email: alacoque.erdmann@ufsc.br ou pessoalmente no endereço Gabinete da reitoria, Universidade Federal de Santa Catarina, Campus universitário Reitor João David Ferreira Lima, Bairro Trindade, em Florianópolis (SC), CEP 88.040-900. Ou poderá entrar em contato com a pesquisadora e mestranda Greici Capellari Fabrizzio pelo telefone (49) 99144-8717, email greicicapellari@gmail.com ou pessoalmente no endereço Departamento de Enfermagem, Centro de Ciências da Saúde, Bloco I, 4° andar, sala 402. Universidade Federal de Santa Catarina, Campus universitário Reitor João David Ferreira Lima, Bairro Trindade, em Florianópolis (SC), CEP 88.040-900.

Você também poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSC pelo telefone (48) 37216094, email: cep.propesq@contato.ufsc.br ou pelo endereço Pró- Reitoria de Pesquisa, Prédio Reitoria II, Rua Des. Vitor Lima, sala 401. Universidade Federal de Santa Catarina, Campus universitário Reitor João David Ferreira Lima, Bairro Trindade, em Florianópolis (SC), CEP 88.040-400.

Greici Capellari Fabrizzio
(Pesquisadora responsável)

Nesses termos e considerando-me livre e esclarecido (a) sobre a natureza e objetivo do estudo proposto, consinto minha participação voluntária, resguardando a autora do projeto a propriedade intelectual das informações geradas e expressando a concordância com a divulgação pública dos resultados, garantido o anonimato.

Nome do participante: _____

RG : _____

CPF: _____

Assinatura do participante: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

Data: ____ / ____ / ____

APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA A ESCALA DE COMPETÊNCIAS GERENCIAIS



CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Greici Capellari Fabrizzio juntamente com a Professora orientadora Dra. Alacoque Lorenzini Erdmann, estamos desenvolvendo a pesquisa intitulada “Gestão de Laboratórios e Grupos de pesquisa de um Programa de Pós Graduação em Enfermagem de uma Universidade Pública”, que tem como objetivo geral “Compreender como ocorre a gestão de Laboratórios e Grupos de pesquisa de um Programa de Pós-Graduação em Enfermagem em uma universidade pública brasileira”. Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humano da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH-UFSC) sob o parecer nº2.595.322 e CAAE 81636317.0.0000.0121 em 12 de abril de 2017.

Gostaríamos de convidá-lo (a) a participar do referido estudo por meio deste termo de consentimento. Sua participação na pesquisa ocorrerá por meio de respostas a uma Escala de competências gerenciais em grupos de pesquisa, sem que você seja identificado (a) em qualquer momento do estudo.

Este estudo lhe trará como benefícios a disseminação do conhecimento sobre a gestão de grupos de pesquisa no âmbito acadêmico, a fim de fornecer maior visibilidade a forma de organização dos Laboratórios e Grupos de pesquisa na enfermagem.

Por outro lado, a sua participação nesta pesquisa poderá gerar riscos e desconfortos decorrentes da possibilidade de sentir constrangimento durante o preenchimento da escala, por incômodo em responder ou, ainda, por mobilização emocional. Desta forma, os riscos serão minimizados, pois, não precisa responder a qualquer pergunta ou fornecer quaisquer informações se sentir-se desconfortável ou achar que a resposta trata-se de algo muito particular, contudo estamos dispostas a ouvi-los (as), interromper a coleta se assim você desejar, retornando a coletar os dados sob sua anuência tão logo se sinta à vontade para

continuar. Se mesmo com esses cuidados eventuais danos forem causados decorrentes da pesquisa os pesquisadores comprometem-se em indenizar o participante pelo que possa ter gerado.

Os resultados deste trabalho mostrarão apenas os resultados como um todo, sem revelar seu nome, instituição ou qualquer informação relacionada à sua privacidade, e poderão ser apresentados em eventos ou periódicos científicos. O material coletado poderá ser consultado sempre que você desejar, mediante solicitação. Porém, acrescentamos que, apesar dos esforços e das providências necessárias tomadas pelos pesquisadores, sempre existe a remota possibilidade de quebra de sigilo, ainda que involuntária e não intencional.

A legislação brasileira não permite que você tenha qualquer compensação financeira pela sua participação em pesquisa, assim, você não terá nenhuma despesa advinda da sua participação. Entretanto, se o participante tiver despesas decorrentes da sua participação na pesquisa, as mesmas serão ressarcidas.

Este documento está redigido em duas vias, assinado por você e pelo pesquisador responsável e cada um ficará com uma via.

Você tem a liberdade de se recusar a participar do estudo ou retirar o seu consentimento a qualquer momento após iniciada a pesquisa, visto que sua participação é voluntária. A recusa ou desistência da participação do estudo não implicará em nenhuma sanção, prejuízo, dano ou desconforto. Os aspectos éticos e a confidencialidade das informações fornecidas, relativos às pesquisas com seres humanos, serão respeitados de acordo com as diretrizes e normas regulamentadoras da Resolução N° 466, de 12 de dezembro de 2012, aprovada pelo Conselho Nacional de Saúde.

Estaremos disponíveis para quaisquer esclarecimentos no decorrer do estudo. Você poderá entrar em contato com a Profa. Orientadora Alacoque Lorenzini Erdmann pelo telefone (48) 99641-1875, email: alacoque.erdmann@ufsc.br ou pessoalmente no endereço Gabinete da reitoria, Universidade Federal de Santa Catarina, Campus universitário Reitor João David Ferreira Lima, Bairro Trindade, em Florianópolis (SC), CEP 88.040-900. Ou poderá entrar em contato com a pesquisadora e mestranda Greici Capellari Fabrizzio pelo telefone (49) 99144-8717, e-mail greicicapellari@gmail.com ou pessoalmente no endereço Departamento de Enfermagem, Centro de Ciências da Saúde, Bloco I, 4° andar, sala 402. Universidade Federal de Santa Catarina, Campus universitário Reitor João David Ferreira Lima, Bairro Trindade, em Florianópolis (SC), CEP 88.040-900.

Você também poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSC pelo telefone (48) 37216094, email: cep.propesq@contato.ufsc.br ou pelo endereço Pró- Reitoria de Pesquisa, Prédio Reitoria II, Rua Des. Vitor Lima, sala 401. Universidade Federal de Santa Catarina, Campus universitário Reitor João David Ferreira Lima, Bairro Trindade, em Florianópolis (SC), CEP 88.040-400.

Greici Capellari Fabrizio
(Pesquisadora responsável)

Nesses termos e considerando-me livre e esclarecido (a) sobre a natureza e objetivo do estudo proposto, consinto minha participação voluntária, resguardando a autora do projeto a propriedade intelectual das informações geradas e expressando a concordância com a divulgação pública dos resultados, garantido o anonimato.

Nome do participante: _____

RG : _____

CPF: _____

Assinatura do participante: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

Data: ____ / ____ / ____

ANEXOS

**ANEXO A – ESCALA DE COMPETÊNCIAS GERENCIAIS EM
GRUPOS DE PESQUISA**

Questionário sociodemográfico

1. Atuação do grupo:

- Líder do grupo
- Pesquisador/professor
- Estudante, marque a opção: graduação, Mestrado ou
- Doutorado
- Demais participantes

2. Sexo: Feminino Masculino

3. Nível de escolaridade (assinale o mais elevado):

- Ensino Médio
- Ensino Superior completo
- Especialização completa
- Mestrado completo
- Doutorado completo
- Pós-doutorado completo

4. Idade: _____ anos

5. Tempo de experiência com pesquisa: _____ anos

6. Tempo de participação no grupo de pesquisa: _____ anos

7. Formação:

- Enfermagem
- Fisioterapia
- Fonoaudiologia
- Educação física
- Outra Qual: _____

Escala de Competências Gerências em grupos de pesquisa

Para responder a escala, considere a **sua participação** no Grupo de Pesquisa, sendo que 0 representa nenhum domínio, 5 domínio completo e NA competência gerencial não aplicada a Grupos de Pesquisa.

Item	0	1	2	3	4	5	NA
1.Zelar pelo cumprimento de prazos de realização de atividades.	0	1	2	3	4	5	NA
2.Estimular a troca de informações entre os integrantes do grupo.	0	1	2	3	4	5	NA
3.Planejar atividades a serem realizadas.	0	1	2	3	4	5	NA
4.Debater assuntos relativos à pesquisa com integrantes do grupo.	0	1	2	3	4	5	NA
5.Estimar prazos, estabelecendo cronograma de atividades de pesquisa.	0	1	2	3	4	5	NA
6.Reelaborar as próprias ideias e conceitos com base em críticas de membros do grupo.	0	1	2	3	4	5	NA
7.Definir tarefas de acordo com a demanda de projeto.	0	1	2	3	4	5	NA
8.Orientar membros da equipe quanto a atitudes eticamente corretas.	0	1	2	3	4	5	NA
9.Facilitar processos de comunicação entre os membros do grupo.	0	1	2	3	4	5	NA
10.Conhecer o projeto de pesquisa como um todo, identificando a etapa em curso.	0	1	2	3	4	5	NA
11.Promover um ambiente produtivo no grupo.	0	1	2	3	4	5	NA
12.Distribuir tarefas de acordo com sua complexidade.	0	1	2	3	4	5	NA
13.Solucionar problemas imprevistos, buscando garantir a realização da pesquisa.	0	1	2	3	4	5	NA
14.Distribuir atividades a realizar de forma equilibrada entre os membros do grupo.	0	1	2	3	4	5	NA
15.Acompanhar a realização de tarefas.	0	1	2	3	4	5	NA
16.Verificar se resultados pretendidos são alcançados.	0	1	2	3	4	5	NA
17.Assegurar fácil acesso às informações do grupo (relatórios, diretórios, bases de dados, memória do grupo etc).	0	1	2	3	4	5	NA

18. Buscar a solução de problemas em conjunto com os integrantes do grupo.	0	1	2	3	4	5	NA
19. Administrar o ritmo de desenvolvimento das atividades de pesquisa.	0	1	2	3	4	5	NA
20. Resolver conflitos surgidos entre os membros do grupo de pesquisa.	0	1	2	3	4	5	NA
21. Respeitar o ritmo de trabalho de cada um.	0	1	2	3	4	5	NA
22. Conciliar os horários de todo o grupo.	0	1	2	3	4	5	NA
23. Prestar suporte frequente aos integrantes do grupo.	0	1	2	3	4	5	NA
24. Ter visão sistêmica das atividades executadas.	0	1	2	3	4	5	NA
25. Sensibilizar o grupo para as mudanças.	0	1	2	3	4	5	NA
26. Distribuir atividades de pesquisa de acordo com as competências dos membros do grupo.	0	1	2	3	4	5	NA
27. Respeitar a diversidade de opiniões.	0	1	2	3	4	5	NA
28. Acompanhar a implementação das mudanças no grupo.	0	1	2	3	4	5	NA
29. Tomar decisões acerca do andamento da pesquisa com autonomia.	0	1	2	3	4	5	NA
30. Analisar informações para diagnósticos ou tomada de decisão.	0	1	2	3	4	5	NA
31. Realizar a gestão de pessoas do grupo considerando características individuais.	0	1	2	3	4	5	NA
32. Coordenar esforços da equipe para obtenção de resultados.	0	1	2	3	4	5	NA
33. Avaliar resultados de mudanças ocorridas no grupo.	0	1	2	3	4	5	NA
34. Estimular o interesse de integrantes do grupo na continuidade da pesquisa.	0	1	2	3	4	5	NA
35. Expor ideias e opiniões com clareza, concisão e coerência.	0	1	2	3	4	5	NA
36. Propor ajustes em acordos estabelecidos nos momentos adequados.	0	1	2	3	4	5	NA
37. Implementar ações visando à permanência dos integrantes no grupo.	0	1	2	3	4	5	NA
38. Capacitar membros do grupo em tarefas técnicas necessárias às pesquisas.	0	1	2	3	4	5	NA

39. Conduzir reuniões do grupo, coordenando apresentações, debates e processos decisórios.	0	1	2	3	4	5	NA
40. Estimular a flexibilidade do grupo no desenvolvimento de processos de trabalho.	0	1	2	3	4	5	NA
41. Reconhecer potenciais de aprendizagem dos membros do grupo.	0	1	2	3	4	5	NA
42. Estabelecer parcerias com outros pesquisadores ou grupos de pesquisa.	0	1	2	3	4	5	NA
43. Obter financiamento para as pesquisas de agências externas de fomento.	0	1	2	3	4	5	NA
44. Selecionar novos integrantes para o grupo com base em critérios técnicos.	0	1	2	3	4	5	NA
45. Administrar recursos utilizados na pesquisa (materiais, equipamentos, dinheiro etc).	0	1	2	3	4	5	NA
46. Buscar ajuda de pesquisadores e outros profissionais para atualização e aprofundamento de temas de interesse do grupo.	0	1	2	3	4	5	NA
47. Implementar ações estratégicas para um melhor desempenho das atividades de pesquisa.	0	1	2	3	4	5	NA
48. Estabelecer parcerias com empresas do setor produtivo.	0	1	2	3	4	5	NA
49. Reconhecer os elementos fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa e a sustentabilidade do grupo de pesquisa: recursos humanos e materiais/financeiros.	0	1	2	3	4	5	NA
50. Atrair novos integrantes para o grupo (alunos da graduação, mestrado, doutorado, pesquisadores) por diferentes meios de recrutamento.	0	1	2	3	4	5	NA

FREITAS, Pablo Fernando Pessoa de; ODELIUS, Catarina Cecília. Escala de Competências Gerenciais em Grupos de Pesquisa. **Revista de Administração Faces Journal**, [s.l.], v. 16, n. 4, p.45-65, 27 dez. 2017. ANPAD. <http://dx.doi.org/10.21714/1984-6975faces2017v16n4art4134>. Disponível em: <<http://www.fumec.br/revistas/facesp/article/view/4134/2982>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

ANEXO B – DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA DA INSTITUIÇÃO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
CAMPUS REITOR JOÃO DAVID FERREIRA LIMA - TRINDADE - CEP 88040-900 -
FLORIANÓPOLIS / SC
TELEFONE +55 (48) 3721-4910 - FAX +55 (48) 3721-9921

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins e efeitos legais que, objetivando atender as exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, e como representante legal da Instituição, tomei conhecimento do projeto de pesquisa: "Gestão de Laboratórios e Grupos de Pesquisa de um Programa de Pós-Graduação em Enfermagem de uma universidade pública", e cumprirei os termos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares, e como esta instituição tem condição para o desenvolvimento deste projeto, autorizo a sua execução nos termos propostos.

Florianópolis, 08/12/2017

Prof. Dra. Jussara Gue Martini
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em
Enfermagem-UFSC

ANEXO C – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEPUNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: GESTÃO DE LABORATÓRIOS E GRUPOS DE PESQUISA DE UM PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA

Pesquisador: Alacoque Lorenzini Erdmann

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 81636317.0.0000.0121

Instituição Proponente: Universidade Federal de Santa Catarina

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.595.322

Apresentação do Projeto:

Projeto de dissertação de Greici Capellari Fabrizio no Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, orientado por Alacoque Erdmann, cujo objetivo é compreender como ocorre a gestão de Laboratórios e Grupos de pesquisa do programa através de entrevistas previamente agendadas, que será áudio-gravada, com duração de aproximadamente 30 minutos. Está prevista a participação de 20 enfermeiros, docentes universitário vinculados ao Programa de Pós Graduação em Enfermagem como professor permanente, atuando ou que tenha atuado em cargo de liderança de grupos de pesquisa por um tempo mínimo de dois anos, com experiência na orientação de alunos de mestrado e doutorado.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Compreender como ocorre a gestão de Laboratórios e Grupos de pesquisa de um Programa de Pós-Graduação em Enfermagem em uma universidade pública brasileira.

 Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os pesquisadores reconhecem os riscos de desconfortos decorrentes da possibilidade de sentir constrangimento durante a entrevista, por incômodo em falar ou, ainda, por mobilização emocional.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Sem comentários adicionais.

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Dosembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401

Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400

UF: SC **Município:** FLORIANÓPOLIS

Telefone: (48)3721-6064

E-mail: cep.propesq@conlato.ufsc.br

Continuação do Parecer: 2.595.322

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A folha de rosto vem assinada pela pesquisadora responsável e pela chefia depto de enfermagem. É apresentada declaração da coordenadora do programa de pós-graduação em enfermagem, tomando ciência da pesquisa e afirmando que cumprirá o que preconiza a resolução 466/12 e complementares. O cronograma prevê a coleta de dados entre 02/04/2018 e 30/04/2018. O orçamento prevê despesas de R\$ 2.920,00 com financiamento próprio. O TCLE atende essencialmente todas as exigências da res. 466/12.

Recomendações:

Sem recomendações adicionais.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMACOES_BASICAS_DO_PROJETO_1050432.pdf	16/03/2018 14:05:02		Aceito
Outros	Carta_resposta.pdf	16/03/2018 14:03:34	Greici Capellari Fabrizio	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investidor	Projeto.pdf	05/03/2018 18:37:27	Greici Capellari Fabrizio	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	05/03/2018 18:36:52	Greici Capellari Fabrizio	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Autorizacao_para_fotografia.pdf	05/03/2018 18:36:25	Greici Capellari Fabrizio	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	18/12/2017 11:53:54	Greici Capellari Fabrizio	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	18/12/2017 11:51:38	Greici Capellari Fabrizio	Aceito
Declaração do Instituição e Infraestrutura	Ciencia_Instituicao.pdf	18/12/2017 11:49:45	Greici Capellari Fabrizio	Aceito
Orçamento	Orçamento.pdf	18/12/2017	Greici Capellari	Aceito

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
 Bairro: Trindade CEP: 88.040-400
 UF: SC Município: FLORIANOPOLIS
 Telefone: (48)3721-6094 E-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 2.595.322

Orçamento	Orcamento.pdf	11:38:24	Fabrizio	Acelto
-----------	---------------	----------	----------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FLORIANOPOLIS, 12 de Abril de 2018

Assinado por:
Luiz Eduardo Toledo
(Coordenador)

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

**ANEXO D – CONSENTIMENTO PARA FOTOGRAFIAS, VÍDEOS
E GRAVAÇÕES**



**CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
CONSENTIMENTO PARA FOTOGRAFIAS, VÍDEOS E
GRAVAÇÕES**

Permito que sejam realizadas fotografia, filmagem ou gravação de minha pessoa para fins da pesquisa científica intitulada “Gestão de Grupos de pesquisa de um Programa de Pós-Graduação em Enfermagem”, e concordo que o material e informações obtidas relacionadas à minha pessoa possam ser publicados em eventos científicos ou publicações científicas. Porém, a minha pessoa não deve ser identificada por nome ou rosto em qualquer uma das vias de publicação ou uso.

As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a propriedade do grupo de pesquisadores pertinentes ao estudo e, sob a guarda dos mesmos.

_____, ____ de _____ de _____
Local e Data

Nome do Sujeito Pesquisado

Assinatura do Sujeito Pesquisado